

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

RAQUEL GHIZZO DE SOUZA

**ASPECTOS TRADUTÓRIOS DA INTERAÇÃO ENTRE
MODALIDADES SEMIÓTICAS:
ANÁLISE DE TEXTOS DA DENTÍSTICA**

FLORIANÓPOLIS

FEVEREIRO DE 2006.

RAQUEL GHIZZO DE SOUZA

ASPECTOS TRADUTÓRIOS DA INTERAÇÃO ENTRE
MODALIDADES SEMIÓTICAS:
ANÁLISE DE TEXTOS DA DENTÍSTICA

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução,
Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientador: Dr. Ronaldo Lima.
Coorientadora: Dra. Ana Cláudia de Souza

FLORIANÓPOLIS

FEVEREIRO DE 2006.

EPÍGRAFE

Translation, as scholarship (to which it is integral), is a constant forward movement of approach to another cultural space. A constant movement, because real knowledge of the other culture is never achieved, be it at the linguistic or semiotic level.

Lawrence Venuti

A tradução, como conhecimento (que é total), é um movimento constante de aproximação a um outro espaço cultural. Um movimento constante, porque conhecimento real da outra cultura nunca é conseguido, seja no nível lingüístico ou semiótico.

Lawrence Venuti

DEDICATÓRIA

Ao meu companheiro Milton Luiz, que me incentivou a chegar até aqui, e à minha filha Gabriella, que aturou minha impaciência nestes momentos difíceis.

À memória de meus pais que sempre estiveram e sempre estarão comigo (em meus pensamentos) nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Dr. Ronaldo Lima, que me confiou a oportunidade de participar deste programa de pós-graduação em Estudos da Tradução. Ele nunca questionou ou discriminou minha origem acadêmica, somente apostou em minha capacidade intelectual.

À minha coorientadora, Dra. Ana Cláudia de Souza, por ter sido tão paciente e eficiente em suas ações.

Aos professores da Dentística-UFSC, que de forma direta ou indireta, contribuíram para que este trabalho fosse realizado. Menciono, aqui especialmente, a gentil colaboração dos professores Dr. Sylvio Monteiro Júnior e Dr. Mauro Amaral Caldeira de Andrada.

À minha colega Ariana, que se mostrou ser a amiga sempre disposta a ajudar.

E, enfim, à gentil colaboração da tradutora Sieni Maria de Matos Campos.

RESUMO

Nesta pesquisa, abordam-se textos de natureza técnico-científica, da área da Odontologia, circunscritos na especificidade Dentística. O objetivo seria examinar técnicas de tradução adotadas pelo tradutor no processo de transposição de códigos, a saber: do português para o inglês, e examinar de que forma ocorre a interação entre duas modalidades semióticas diferentes: o texto escrito e a parcela imagística. Esta parcela imagística, freqüentemente, constitui elemento de complementação nocional destes textos, em razão da complexidade da anatomia humana e dos procedimentos cirúrgicos e de manipulação implicados. Para levar a cabo esta proposta de trabalho selecionamos teorias como a Teoria Sistêmico Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997, 2004) e a Teoria Semiótico-Social de Representação (KRESS e LEEUWEN, 1996). Além disso, na lingüística contamos com os procedimentos de tradução, como os descritos por Vinay e Darbelnet – que, também, servem de suporte para este estudo. O corpus examinado é constituído por enunciados contidos no livro intitulado: “Dentística/ Procedimentos Preventivos e Restauradores”, de autoria do Prof. Dr. Luiz Narciso Baratieri e Cols (1989).

Através deste estudo, foi possível constatar que a atividade tradutória de uma língua de especialidade exige, em muitos casos, conhecimentos de natureza técnica, além do domínio de elementos de ordem lingüística tanto do código-fonte quanto do código alvo.

Palavras-chave: textos, Dentística, técnicas de tradução, parcela imagística, língua de especialidade.

ABSTRACT

This research analyses texts of technical scientific nature, in the area of Dentistry. The objective of this research, is to examine translation techniques adopted by the translator in the code transposition process from Portuguese to English, and examine how the interaction between the two different semiotic modalities occurs: the written text and the visual text. This visual text, frequently, constitute an element of nocional complementation in Dentistry written texts, because of the complexity of the human anatomy and of the implications of cirurgical procedures. To carry out this proposal of investigation we have selected theories like the Systemic Functional Theory (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997,2004) and the Social Semiotic Theory of Representation (KRESS e LEEUWEN, 1996). Besides, in linguistics we count on the translation techniques, like the ones written by Vinay and Darbelnet – that, also, help us in this research. The corpus examined is constituted by sentences in the book named: “Dentística/ Procedimentos Preventivos e Restauradores”, written by Dr. Prof. Luiz Narciso Baratieri et al (1989).

Throughout this research, it was possible to verify in most of the cases that, the activity of translating a special register requires technical knowledge background, besides the domain of linguistic elements from either the source and target linguistic codes.

Key-words: texts, Dentistry, translation techniques, visual text, register.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1.1. Objetivos de pesquisa.....	6
1.2. Perguntas da pesquisa	6
CAPÍTULO 2	7
REVISÃO DA LITERATURA.....	7
2.1. Introdução ao capítulo.....	7
2.2. Breve revisão da concepção de tradução e dos estudos tradutórios.....	8
2.3. O processo da tradução	14
2.4. Cultura, linguagem e semiótica	17
2.5. A Semiótica e a Tradução	21
2.6. A Lingüística e a Tradução	24
2.7. Construindo textos pictoriamente.....	29
2.7.1. Textualidade espacial e temporal	30
CAPÍTULO 3	34
ANÁLISE DE DADOS	34
3.1. “Conversa com o tradutor”	35
3.2. Descrição do domínio	37
3.2.1. Breve histórico	40
3.3. As interferências na relação analítico e sintética	42
3.4. Análise intersemiótica	44
3.5. Análise lingüística	50
3.5.1. Equivalência e/ou Transposição.....	51
3.5.2. Tradução literal	52
3.5.3. Reconstrução de períodos.....	54
3.5.4. Tradução palavra por palavra.....	54
3.5.5. Modulação	55
3.5.6. Omissão vs explicitação	56
3.5.7. Melhorias	57

3.5.8. Transferência.....	58
3.5.9. Explicação	59
3.5.10. Decalque	60
3.5.11. Adaptação	61
CAPÍTULO 4.....	62
COMENTÁRIOS FINAIS	62
REFERÊNCIAS	67

INDÍCE DE FIGURAS

Figura 1 - Processo (simplificado) da tradução	16
Figura 2 - Origem semiológica da escrita.....	19
Figura 3 - imagem de uma pasta dental comercial	23
Figura 4 - visão sócio-semiótica da linguagem	28
Figura 5 - Fluxograma para localização da Dentística como sub-ramo da área da saúde	38
Figura 6 - Ajuste de uma restauração de resina composta (dente anterior).	46

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Em todos os setores da sociedade, a imagem e seus sucedâneos gráficos rompem o monopólio do texto na transmissão da informação. As orientações para a montagem e o uso de aparelhos tornaram-se verdadeiros desenhos em quadrinhos. Os avisos de segurança nos aviões, por exemplo, se assemelham a cadernos para colorir, usados pelas crianças. Os painéis de comando dos aparelhos de som, dos carros, dos computadores, muitas vezes, são ilustrados quase que totalmente por ideogramas. Recorrer ao manual para manusear certos aparelhos de uso doméstico, tornou-se necessário somente àqueles cujo sentido se torna obscuro. Além de aparelhos mais simples, podemos observar que nenhum computador, destinado ao público em geral, é vendido sem sua interface gráfica (VAILLANT, 1999).

Nos ambientes em que a língua parece ser o veículo privilegiado de informação, uma análise mais apurada permite constatar que as informações mostram-se segmentadas, orientadas e ilustradas, em grande parte dos casos, pela imagem. Nos últimos anos, os jornais televisivos ilustram cada um de seus temas *in foco* com ícones situados no alto e à esquerda do visor, possibilitando ao espectador classificar, pelo menos em abordagem rápida, o tipo de reportagem ou a emissão exibida. Os modos de emprego de guias de montagem de jogos, brinquedos, aparelhos, tornaram-se, assim, quase totalmente multimodais, empregando duas modalidades visuais: o texto escrito e a imagem, sem falar na parte sonora que muitas vezes constitui um terceiro elemento muito presente. Os desenhos e os esquemas comportam parcelas essenciais da informação, de tal forma que a geração destes gêneros de

texto não é mais permeada somente pela modalidade escrita; pelo contrário, ela depende, segundo André e Rist (1993), em proporções variáveis, de outras parcelas semióticas, tornando-se essencialmente multimodais.

As ilustrações que acompanham o texto escrito não são evidentemente apanágio das civilizações modernas. Desde os períodos mais remotos da existência do homem sobre a terra, sobretudo nas civilizações que deixaram registros materiais, parte da expressão já era, provavelmente, realizada com base em várias modalidades semióticas, como pode-se ver nas representações rupestres ou nos vestígios de rituais fúnebres dos povos ditos “primitivos”. Mais recentemente, no período que antecede à imprensa, nas diversas obras re-produzidas por escribas e copistas, várias artes sempre estiveram presentes: desenho livre, xilogravuras, caricaturas. Com o advento das novas ciências e seus desdobramentos, sobretudo a partir da Revolução Industrial do ocidente, as exigências em termos de velocidade de processamento da informação instauraram, como mencionado nos trabalhos de MacLuhan (1964), o compartilhamento da transmissão de informações por meio de várias formas de registro. Tornou-se praticamente impossível ao homem dominar mais que um ou dois campos da ciência.

De modo concomitante, visando responder às necessidades destas ciências novas e seus conseqüentes desenvolvimentos, surgiram línguas de especialidade, ou seja: sistemas com base na língua geral, mas circunscritos a certos domínios científicos. Estas evoluções trouxeram para as manifestações dos conhecimentos de cada área, porções diferentes de outras modalidades semióticas, variando segundo o domínio específico considerado. Em algumas áreas, a imagem disputa com o texto escrito parcelas consideráveis da informação, tal como nas áreas do Design, do Marketing, do Cinema.

Particularmente nos textos técnicos da saúde, campo que se propõe abordar nesta pesquisa, os aspectos imagéticos ocupam lugar de destaque, representam unidades que fazem “links” com o texto escrito, fazendo parte integrante da dita: *língua de especialidade*, e sendo responsáveis por fenômenos de coerência e coesão do texto integral, composto por informações escritas e imagens.

Segundo Desmet (1996), a língua de especialidade é mais que um registro, mais que terminologia. Trata-se de um sistema de recursos sobre todos os planos da língua. Estes recursos são, evidentemente, aqueles da língua geral; todavia, marcados por tendências gráficas, por tendências sintáticas e discursivas. Ainda, segundo Desmet, ignorar estes aspectos não traz nenhum benefício, nem para o ensino, nem para a tradução das línguas de especialidade.

É neste sentido que nos parece importante dedicar estudos lingüísticos aos textos da esfera científica, tendo em vista serem, em sua grande parte, marcados pelas tendências acima enumeradas. Especificamente nos interessa, no âmbito dessa pesquisa, material concernente à área da Odontologia, marcados sobretudo pela presença da imagem acompanhando o texto escrito.

Antecipando algumas observações, pode-se afirmar que as relações entre a modalidade escrita e a modalidade visual (imagens) se estabelece por meio de frases de tipo específico que, de forma nocional, manipulam a atenção do leitor de modo a instaurar processos de remissão aos aspectos imagéticos, que são igualmente de natureza técnico-científica. Por isto, neste estudo, analisar-se-á o texto escrito, original e traduzido, que estabelece o confronto entre orações e a parcela imagética; visto que na odontologia esta parcela freqüentemente constitui elemento de complementação nocional do texto, funcionando como aparato de suporte a explicações, exemplificações, etc. Além disso, proceder-se-á à

análise semântica de enunciados empregados para discriminar figuras, nas línguas fonte e alvo.

Para a condução da pesquisa, analisar-se-ão enunciados vinculados às imagens, no texto original de Luiz Narciso Baratieri e cols, bem como na sua tradução, de responsabilidade de Sylvio Monteiro Júnior e Fernando J. Volkmer. Esta análise estará pautada na literatura específica à tradução, à semiologia e à semântica nocional.

Os textos, aqui escolhidos para análise, são do livro “Dentística– Procedimentos Preventivos e Restauradores” e de sua tradução “Advanced Operative Dentistry”; que muitas vezes necessitam da complementação visual para a compreensão exata da informação contida no texto escrito. Pode-se considerar, numa primeira abordagem, que o texto escrito constitui a modalidade semiótica que exerce o papel de agente ativo, neste processo de remissão do leitor à ligação entre os componentes textuais e imagéticos. Leia-se “ligações necessárias” e, acredita-se, “obrigatórias” em boa parte dos casos de obras desta natureza, em razão da complexidade da anatomia humana e dos processos cirúrgicos e de manipulação implicados.

Sem um estudo profundo da manifestação dos princípios de funcionamento e, sobretudo, de apreensão dos códigos inerentes ao componente imagético, poder-se-ia argumentar que o processo de ligação entre estas duas modalidades semióticas ocorre, grosso modo, de forma unilateral, ou seja, não recíproca; tendo em vista que, em princípio, um leitor sem conhecimento em semiótica poderia eventualmente supor que o “texto”, representado na parcela imagética, também não comporta elementos ativadores de direcionamento do leitor para o texto escrito, isto é, para a modalidade que o acompanha. Todavia, sabe-se que o “texto” imagético possui estrutura altamente complexa, a ponto de equiparar-se, em termos teóricos, àquela expressa nas descrições sobre as línguas.

No caso específico, a análise nocional/conceitual, também colocada em foco, nos convida a sublinhar questões de ordem lexical e sintática, no enunciado. Trata-se, pois, de colocar a ênfase em descrições de ordem semântico-conceitual, que ultrapassem, sob certo prisma, especificidades das línguas, neste caso português e inglês, mas se interrelacionem à Semiótica ou Teoria Geral dos Signos. Assim, nosso objetivo é ultrapassar a informação sintática e atuar no patamar das noções e dos conceitos. Serão examinadas as relações estabelecidas entre os conceitos, e, por sua vez, entre os componentes semânticos e semióticos, e os representantes lexicais oferecidos pelo sistema funcional das línguas confrontadas no processo de transferência de código que caracteriza aqui a tradução.

Ainda, em outras palavras, trata-se de evocar a parcela de sentido que subjaz o sistema da língua. Assim, os modelos teóricos, baseados na semiótica - como o de Halliday et al e o de Kress e Leeuwen - e os papéis semânticos (CHOMSKY, 1972) são suportes teóricos, passíveis de serem empregados para a realização deste estudo.

Além disso, na lingüística contamos com os procedimentos de tradução - como o descrito por Vinay e Darbelnet (CHESTERMAN apud VINAY;DARBELNET, 1997) - que, também, servem de suporte para este estudo. Então, como já mencionado anteriormente, nesta pesquisa, determos-nos, principalmente, em questões de ordem semântica e semiótica.

Em razão, sobretudo, das especificidades das informações registradas alcançamos os objetivos desta pesquisa. Ainda, para complementá-los lançamos mão de perguntas, que serão respondidas no desenvolvimento desta própria pesquisa.

OBS: Algumas das traduções feitas neste trabalho foram realizadas pela própria autora.

1.1. Objetivos de pesquisa

De acordo com as informações registradas na obra “Dentística- Procedimentos Preventivos e Restauradores” (BARATIERI et. al., 1989) e na sua tradução, os objetivos desta pesquisa são:

- Investigar, do ponto de vista nocional, algumas estratégias de tradução do português para o inglês.
- Analisar de que forma as frases remetem o leitor à outra modalidade semiótica presente no texto, a saber: a parcela imagética.
- Analisar a tradução como transferência intersemiótica.

1.2. Perguntas da pesquisa

- As trocas entre modalidades semióticas operar-se-iam em função de orientações expressas por meio de seu sentido, visando interferir sobre a atenção do leitor, isto é, trata-se de pistas explicitamente registradas pelo autor do texto, de modo a conduzir o leitor a interagir com a imagem e complementar a rede de informação a ser atingida?
- Quais seriam os elementos de ordem lexical, ou estruturas mais amplas, empregadas tanto em português quanto em inglês, que compõem frases com orientações para o leitor dirigir sua atenção para as parcelas imagéticas?
- Tratando-se de texto técnico-científico, haveria uma certa semelhança “estrutural” entre o original e a tradução em termos lingüísticos?

Nos próximos capítulos teremos a revisão da literatura, a análise de dados e os comentários finais.

CAPÍTULO 2

REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Introdução ao capítulo

Neste capítulo versa-se sobre a tradução de modo mais amplo, de maneira a introduzir a temática da presente pesquisa.

A tradução é uma atividade intelectual humana que remonta à antiguidade. Trata-se de uma “arte” de grande importância durante toda a Idade Média, mas com seu apogeu de desenvolvimento acadêmico-científico situado no período pós-moderno. Nesta época, o processo de tradução deixou, simplesmente, de ser incorporado às teorias de linguagem, para se tornar uma verdadeira disciplina, mantendo sempre sua natureza interdisciplinar, estando ligada aos estudos em literatura, em teologia, em história e arqueologia, de modo breve, a praticamente todas as disciplinas em que a transferência de código lingüístico torna-se necessário para a transmissão da ciência.

Importante mencionar igualmente a tradução como uma atividade amplamente imbricada no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e nas trocas culturais, no âmbito da qual é vista evidentemente como produto, mas também como processo complexo.

Várias são as teorias para estudos da tradução que hoje englobam um vasto leque de possibilidades: tradução literária, tradução técnico-científica, tradução automática, tradução auxiliada. Após vários desmembramentos e surgimento de inúmeras teorias, a tradução, abandona a idéia popular que a define como simples substituição de palavras ou cópia interlingual. A teoria da tradução passa a pôr em evidência a consideração do sentido, do significado. O texto passa a ser

considerado, também, em seu lado criativo, que exige interpretação e “retextualização”. Seria a valorização da equivalência voltada à manutenção do sentido, mas sem prejuízo, em muitos casos, das bases sintáticas, de modo que o tradutor deixaria de ser “invisível” para ser reconhecido, principalmente, pelo estilo que o caracteriza.

2.2. Breve revisão da concepção de tradução e dos estudos tradutórios

Nos últimos anos, ocorreu uma diferenciação entre os termos “tradução” e “estudos da tradução”. Os estudos tradutórios assumiram uma posição mais relevante na sociedade, referindo-se ao estudo da história da tradução, suas teorias, reflexões e estratégias.

Apesar da tradução ter se iniciado há anos atrás, impedindo pois a definição exata de seu nascimento, sabe-se que o tradutor influenciou a invenção de alfabetos, o enriquecimento e a promoção das línguas e literaturas nacionais, para o despertar de uma consciência coletiva de grupos étnicos e lingüísticos (DELISLE; WOODSWORTH, 1998).

O interesse em traduzir é tão antigo quanto a civilização humana; há indícios de trabalhos voltados à tradução que datam do século I a.C. (BAKER apud PYM; HORST , 1998).

Na verdade, pode-se supor que o interesse do homem em se comunicar pode ser considerado, sob certa ótica como o início da civilização humana. No período pré-histórico, apesar da linguagem oral supostamente pouco desenvolvida, quando um ou outro homem “desenhava” na parede de uma caverna, outros já sabiam possivelmente “traduzir” o significado daquelas pinturas; ou seja, ocorria um tipo de “tradução” pictórica.

De modo simbólico, a história da tradução se inicia na tradição latina, com Cícero, e seu princípio caracterizava-se por reflexões originadas diretamente da prática tradutória (REIS, 2002).

Mas, como o povo romano da idade média incorporou a língua grega à sua cultura, já traduzia obras gregas diretamente para outras línguas, como se os textos originais lhes pertencessem, somente adaptando as diferenças culturais/ sociais gregas à realidade cultural/social romana – estratégia esta, posteriormente chamada, por alguns autores, de “nacionalização”.

Na idade média, havia a preocupação de colocar ao dispor dos letrados (e não só) as obras clássicas, e a tradução era tanto uma transposição como uma interpretação medievalizada do texto, mesmo quando se pretendia ‘recuperar’ a ‘formosura’ e a concisão latinas (VILELA, 1994. p.23).

As traduções até moldaram algumas línguas; as reflexões de Dante (1265-1321) sobre as equivalências entre os dialetos italianos e o latim, por exemplo, contribuíram para a criação do italiano moderno (VILELA, 1994). Vê-se que, a partir daí, a equivalência entre as traduções surge como estratégia importante, para os estudos tradutórios, que se tornam, cada vez mais, independentes e abrangentes.

Num outro período, após 1940, surgiram os primeiros trabalhos sobre a tradução mecânica; houve, também, a introdução da lingüística estrutural e da teoria da comunicação (REIS, 2002). A tradução mecânica foi importante como instrumento auxiliar de trabalho, mas não substituiu a capacidade de pensar do cérebro humano. Nos primeiros anos da década de sessenta, a prática da tradução adquiriu uma natureza interdisciplinar e após 1972, segundo Steiner, a tradução foi abordada em um contexto mais amplo de teorias da linguagem, assumindo um caráter filosófico (REIS apud STEINER, 2002).

Já entre o período de 1970 e 1980, na Alemanha, houve uma mudança das tipologias lingüísticas estáticas de tradução e a emergência de uma abordagem funcionalista e comunicativa para análise de tradução. Segundo Munday (2001), Reiss trabalhou com a equivalência, ao unir as funções da linguagem ao tipo de texto e aos “métodos” de tradução, Vermeer com a teoria do “skopo”, centrada na intenção do texto de chegada, e Nord com o modelo para análise de texto, continuando a tradição funcionalista até os anos 90.

Até que, em 1992, Jacquemond declarou que a tradução não era somente um processo criativo intelectual, no qual um texto (escrito) numa determinada língua era transferido para outra; mas que, como qualquer atividade humana, estava inserida num contexto social e histórico específico, que a informava e a estruturava. Isso talvez, porque na época dos literalistas medievais, procediam-se traduções como se não existissem diferenças culturais, lingüísticas, sociais e/ou históricas. Daquela forma, como declarou Jacquemond, a tradução já não teria a dimensão de cópia, mas sim de transformação, de contextualização (ALVES, 2001).

O texto traduzido, para Costa (1992), apesar de não ser considerado como cópia, deveria ter um grande grau de semelhança com o texto original, o que nos estudos da tradução é denominado de equivalência. Mas equivalência no conteúdo, e não nas palavras, do texto original.

Numa tradução, resgatar a equivalência do conteúdo do texto original é importante, para se captar a mensagem do mesmo. Não obstante haja diferenças sócio-culturais entre as línguas. Por isso, o tradutor bem qualificado, através de seu estilo pessoal, deveria procurar desvendar estas diferenças, equilibrando-as com as equivalências, para realizar uma “boa” tradução.

A tradução será boa ou ruim primeiramente como texto independente que passa a ser a partir do momento em que desliga do original e passa a ser lido no “novo habitat”, por novos leitores; em segundo lugar como retextualização de um outro texto com o qual vai manter o mais estreito tipo de intertextualidade possível entre dois textos (TRAVAGLIA, 2003. p.134).

Sem entrar no mérito da crítica tradutória, mas avaliando a origem e o desenvolvimento dos estudos tradutórios, podemos considerar como boa tradução àquela que conseguir incorporar e compreender os valores inseridos neste texto, como o da equivalência, por exemplo. Afinal, defeitos sempre existirão, “se o critério para se avaliar uma tradução for o da reprodução pura e simples do estilo do autor do original” (TRAVAGLIA, 2003. p.127).

Uma das mais importantes contribuições teóricas, para os estudos da tradução, inclui, ainda, a análise comparativa de Vinay e Darbelnet (CHESTERMAN apud VINAY; DARBELNET, 1997), na língua francesa e inglesa. Com o objetivo dessa análise, eles identificaram sete procedimentos técnicos da tradução, a saber: (1) o empréstimo; (2) o decalque; (3) a tradução literal (4); a transposição; (5) a modulação; (6) a equivalência e; (7) a adaptação.

Constatando que os procedimentos descritos por Vinay e Darbelnet não eram suficientes para dar conta de todas as estratégias empregadas nos processos de tradução, Barbosa (1990) propôs a caracterização destes procedimentos técnicos, a partir dos quais inseriu acréscimos e suprimiu alguns. Estes procedimentos foram descritos por ela, em seu livro, e, de acordo com o uso na tradução aqui analisada. Eles serão melhor elucidados a seguir.

- A tradução palavra-por-palavra, em síntese, tem sua base na realização de substituições por equivalentes de termos em uma língua, por outros termos em outra língua. Mas, em sua obra, Aubert

(BARBOSA apud AUBERT, 1990, p.65) a define, mais precisamente, como:

[...] a tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na língua de tradução (LT) mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo seja (aproximadamente) idêntico ao dos vocábulos correspondentes no texto língua de origem (TLO) [...].

- A tradução literal, que também Aubert (BARBOSA apud AUBERT, 1990, p.65) considera como “aquela em que se mantém fidelidade semântica estrita, adequando porém a morfo-sintaxe às normas gramaticais da LT”.
- A transposição, consiste na mudança da classe gramatical do termo a ser traduzido. [...] “a *transposição* pode ser obrigatória, quando é imprescindível para que a tradução se atenha às normas da LT, ou facultativa, quando é realizada por razões de estilo” [...] (BARBOSA, 1990, p.67).
- A modulação, segundo a definição (e exemplo) de Barbosa (1990, p.67), “consiste em reproduzir a mensagem do TLO no texto língua de tradução (TLT), mas sob um ponto de vista diverso, o que reflete uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real” [...]. Ex: *keyhole* = buraco da fechadura.
- A equivalência, que já foi mencionada neste capítulo, “consiste em substituir um segmento de texto da língua de origem (LO) por um outro segmento da LT que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente” (BARBOSA, 1990, p.67).

- A omissão (X explicitação), que como sugere a palavra, consiste em omitir elementos desnecessários na tradução. Mas para Barbosa (1990), na tradução do inglês para o português, por exemplo, poderia ser utilizado o procedimento inverso, principalmente com a “explicitação” de pronomes pessoais.
- A reconstrução de períodos, que consiste em “redividir” ou “reagrupar” os períodos das orações, no texto a ser traduzido.
- As melhorias, consistem em não se repetirem, na tradução, os erros (gramaticais ou de fatos, por ex.) cometidos no original.
- A transferência, “consiste em introduzir material textual da LO no TLT” (BARBOSA, 1990, p.71).
- A explicação, consiste na eliminação do “estrangeirismo” no texto traduzido, substituindo-o pela sua explicação. Como por exemplo, a explicação ou substituição de um título, de uma taxa, de um exame, etc em que não haja correspondência na língua de chegada.
- O decalque, ou “aclimatação do empréstimo lingüístico”, “consiste em traduzir literalmente sintagmas ou tipos frasais da LO no TLT, (...)” (BARBOSA, 1990, p.76).
- E finalmente a adaptação, que consiste na recriação de toda uma situação (do texto original) não existente, mas equivalente, na realidade do texto traduzido.

Após a explicação de tantos procedimentos tradutórios acima, entraremos nos aspectos do processo da tradução.

2.3. O processo da tradução

Através da abordagem psicolingüística da tradução, validada no campo da psicologia cognitiva e psicolingüística experimental, vários aspectos da recepção e produção da linguagem foram estudados.

Segundo Rodrigues (2002, p.25,47), um resultado consistente da abordagem psicolingüística, “em diversos estudos, é que experiências lingüísticas e tradutórias que tradutores acumulam no exercício da profissão influenciam de maneira massiva a forma como eles traduzem”; ou seja, “os tradutores não são seres passivos durante o processo da tradução”; além disso, “eles prezam muito pelo estilo e pelo significado daquilo que estão traduzindo”.

Esta abordagem iria, então, contra a “invisibilidade do tradutor”. Como o tradutor poderia ser “invisível”, se estudos como este evidenciam a influência direta de experiências e do estilo do tradutor, sobre o texto traduzido? E afinal, se todos têm um estilo próprio, que os caracteriza, seja o escritor ou o tradutor; como mascarar isto numa tradução e se tornar “invisível”?

Aliás, se estilo é o produto das escolhas do autor e/ou tradutor, em função de um certo efeito (TRAVAGLIA, 2003), as várias traduções de uma mesma obra poderiam ter, todas, estilos diferentes. “Se assim não fosse, a atividade tradutória seria simples e poderia ser reduzida a meras transposições facilmente realizadas por máquinas e computadores” (TRAVAGLIA apud LARANJEIRA, 2003, p.122).

Ainda segundo Travaglia (2003), pode-se entender estilo como variedade lingüística, em termos de dialetos, registros e estilos de época utilizados pelo escritor do texto original.

No caso dos dialetos, registros e estilos de época, as escolhas são de um grupo de usuários da língua, enquanto que no estilo individual ou de autor (para muitos, o único que deveria

ser chamado de estilo) as escolhas são de um indivíduo (TRAVAGLIA, 2003, p.129).

Rodrigues (2002, p.47) vai mais longe e afirma, conforme o parecer de outros autores, que “os tradutores profissionais ativam macroestruturas textuais que lhes permitem focar extratos maiores do texto”, como uma sentença ou um parágrafo inteiro. Isto só vem fortalecer a importância da figura do tradutor, no contexto tradutório. Porque focar grandes partes de um texto, para depois traduzi-lo, depende, ainda segundo o mesmo autor, da capacidade de “memória” do tradutor. Neste caso, “memória”, nada mais seria do que, a capacidade de armazenamento e decodificação de macroestruturas textuais, o que possibilita a representação mental do texto a ser traduzido.

Por isso Bell (1991) explica, de forma extremamente simplificada e elementar, que a transformação de um texto em uma língua fonte para um texto em uma língua alvo, na memória de um tradutor ocorreria, da seguinte forma:

(1) a análise de um texto em uma língua específica através de uma representação semântica universal e;

(2) a síntese daquela representação semântica de um texto específico numa segunda língua, conforme representado abaixo na figura 1, por meio da qual esquematiza-se o referido processo:

Outrossim, segundo Rodrigues (2002), as estratégias tradutórias utilizadas, dentro de um mesmo grupo de profissionais, podem ser diferentes, principalmente, em diferentes espaços de tempo.

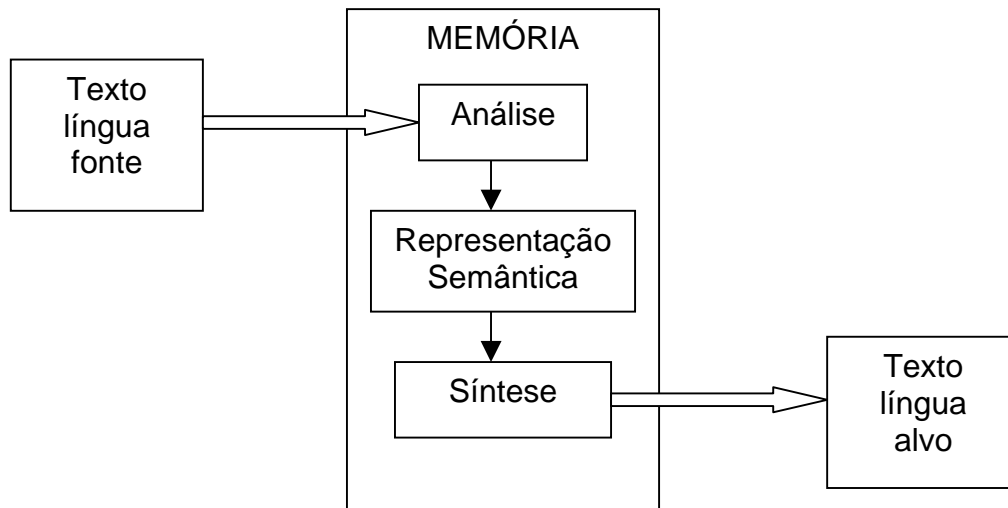


Figura 1 - Processo (simplificado) da tradução

Evidentemente, supõe-se que um tradutor da Idade Média, eventualmente, não procederá da mesma forma que um profissional do nosso século, visto que as experiências são diferentes segundo as formações sociais nas quais os indivíduos se inserem e de onde provém parcela significativa de suas competências. Logo, evidencia-se parte das dificuldades geralmente enfrentadas pelo tradutor quando da tradução de textos permeados por contemporaneidade díspar. Por exemplo, como traduzir os clássicos de Shakespeare, imbuídos por barreiras decorrentes das mudanças sociais geradas pela passagem do tempo, manifestadas sob forma de mudanças lingüísticas cristalizadas? Até mesmo para os nativos da língua inglesa, as modalidades mais antigas do inglês, como sabemos, constituem quase que dialetos distintos. Pensa-se, em muitos casos, tratar-se de simples casos de realização prévia de uma “tradução intralingual” do texto inicial, para depois proceder à transferência de código.

Para que se detecte e se sinta as barreiras lingüísticas provocadas por processos de ordem diacrônica, não é preciso longo período de tempo; as pequenas mudanças já bastam para caracterizarem alterações na maneira de expressão próprias de uma época, de uma geração.

Segundo Travaglia (2003), a captação do sentido do texto depende, como sabemos, de todo um contexto sócio-histórico e psicológico do leitor e/ou tradutor.

O dicionário poderia não solucionar todos os problemas que emergem neste tipo de tradução. A compreensão do funcionamento da sociedade, dos costumes e tradições próprios aos integrantes de uma dada cultura são contituíntes essenciais, se quisermos fazer equivaler ou corresponder o conteúdo dos textos. “Mesmo o que é comum não é visto, percebido e vivido de forma idêntica por duas culturas; portanto a equivalência será sempre relativa” (TRAVAGLIA, 200, p.81).

2.4. Cultura, linguagem e semiótica

Como já é sabido, cada cultura é marcada por um modo de expressão, por um modo de ver, de perceber, enfim, de viver. Segundo Saussure, a interação destes fatos humanos estaria vinculada à teoria dos sinais (Semiologia); sendo que a Lingüística também estaria definida dentro desta teoria.

Precisamos de conceito de linguagem mais amplo, que não se refira apenas a uma língua, mas a grande variedade delas; e que se relacione com disciplina mais abrangente do que a Lingüística, capaz de abarcar a totalidade dos sistemas simbólicos. Esta disciplina foi chamada de Semiologia por Ferdinand de Saussure, no início do século XX (LAGE,1999, p.36).

Tanto a Semiologia quanto a Semiótica, atualmente são campos de grande amplitude e variedade teórica. A interação de palavras e figuras constitui objetos de interesse da Semiologia e da Semiótica. Charles Pierce (2005) foi o fundador da Semiótica na América; para ele o Universo é semioticamente constituído. O homem interage cotidianamente com os

sinais em escala aparentemente crescente, se considerados os desmembramentos das ciências nas sociedades ditas modernas. Sobretudo com o advento da informática, as imagens e sinais vêm se tornando um tipo de linguagem com caráter cada vez mais universal. Alguns símbolos podem ser reconhecidos em vários recantos do globo. Veja-se o exemplo da letra que marca a rede MacDonald's ou o ícone de abertura do Windows.

Segundo Maccloud (1995), a imagem é informação recebida, e a escrita é informação percebida; porque para decodificar os símbolos abstratos da linguagem escrita seria preciso conhecimento especializado, já o que não seria necessário para a imagem, uma vez que ela é mais facilmente assimilada. Exemplo desta assimilação facilitada da imagem, localiza-se há mais de 5.000 anos, quando os sumérios da antiga Mesopotâmia começam a registrar suas mercadorias com símbolos que, gradualmente, assumem as formas abstratas das linguagens modernas (ver Figura 2). Até chegar ao nosso sistema baseado nas relações grafemas/fonemas. Ou seja, o sistema alfabético foi precedido pelo pictográfico, logográfico ou ideográfico e, numa solução intermediária, pela analogia logográfica/silábica e/ou fonológica (AUBERT apud GELB, 1994). Apesar de algumas linguagens escritas sobreviverem até hoje, mantendo traços de sua herança pictórica; “com o tempo a maior parte da escrita moderna passou a representar apenas o som e a perder qualquer semelhança com o visível” (MCCLLOUD, 1995, p.142).

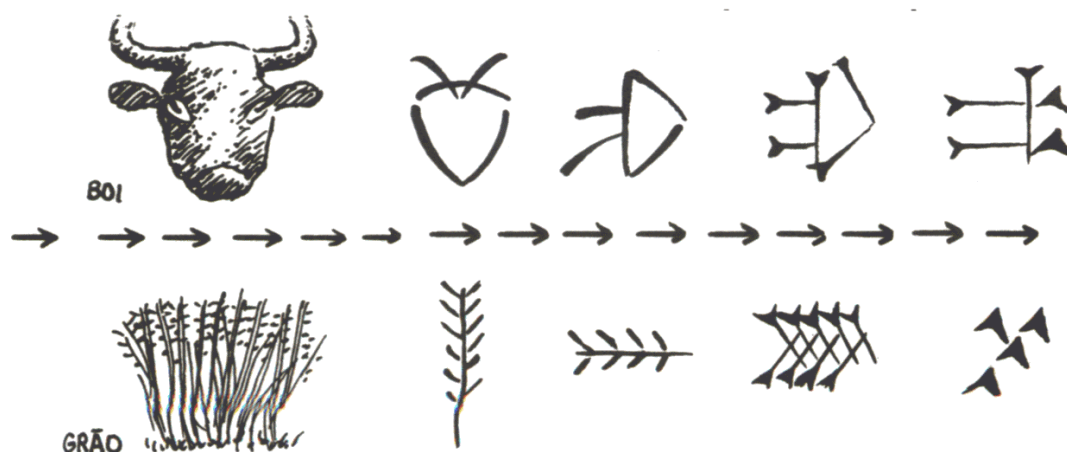


Figura 2 - Origem semiológica da escrita

A leitura de textos escritos e as imagens visuais teriam similaridades porque são processos dinâmicos, os quais envolveriam não só um texto (escrito ou visual), mas o leitor, os autores e o mais amplo contexto cultural dos três (CALLOW, 1994).

O texto é a unidade básica para a análise semiótica. Numa “transferência inter-semiótica” ou tradução, o uso metafórico da linguagem invariavelmente leva ao entendimento adicional do significado. Esse seria o fator crucial na decisão de como ficaria o texto traduzido. Essas decisões seriam, pelo menos em parte, determinadas pelas categorias semióticas do gênero, discurso e/ou texto (HATIM; MASON, 1993). Para Fairclough (2002), a semiótica como um dos elementos para a análise do processo social do discurso crítico, e incluída nas atividades sociais, é que constituiria os gêneros textuais.

No modelo Semiótico-Hallidayano de linguagem e discurso, gênero seria o tipo de texto associado com uma função comunicativa específica, que também seria condicionado pelo meio sócio-cultural (MUNDAY, 2001). Isto vem reafirmar, que cultura, linguagem e semiótica estão interligadas, e que podem determinar os vários gêneros textuais.

Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a tv e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita (MARCUSCHI apud DIONÍSIO, MACHADO e BEZZERRA, 2002, p.19).

É importante nos preocuparmos com a reprodução desses novos gêneros textuais, para que não ocorra a descaracterização em uma tradução.

A semiótica na linguagem, ainda para Fairclough (2002), durante a representação das práticas sociais, constituiria os discursos; ou como os participantes da sociedade veriam e representariam a vida em sociedade com diferentes discursos. Já a semiótica, no desempenho de posições sociais, constituiria os estilos de linguagem.

Também na comunicação visual e verbal, os sistemas semióticos ou sistemas de sinais, para Goodman e Graddol (1997), variariam com a linguagem, cultura e experiência.

Assim, “muitos sinais parecem ser icônicos porque a percepção de uma conexão entre significado e significante é tão habitual, que começa a parecer natural (...). Para um sinal ser verdadeiramente icônico, teria de ser claro para qualquer um que nunca o tivesse visto antes (...)”. Por isso Cook (GOODMAN apud COOK, 1997, p.42) acredita que, geralmente, a compreensão dos sinais seria baseada em conhecimento anterior. “O contexto, obviamente, é crucial para a decodificação do significado, como é a significância cultural” (GOODMAN; GRADDOL, 1997, p.43).

Dentro de um certo domínio sócio-cultural, os mesmos significados poderiam, geralmente, ser expressos de diferentes maneiras semióticas: é a chamada comunicação multimodal (KRESS; LEEUWEN, 2001). Hoje, por exemplo, os textos vêm empregando modos semióticos visuais e verbais, simultaneamente.

2.5. A Semiótica e a Tradução

Como, atualmente, a linguagem está sendo expressa de diferentes maneiras semióticas, novamente, não poderíamos deixar de mencionar Saussure que, em 1916, “impõe” à Lingüística a língua como objeto, como instituição semiológica, como um sistema de signos que exprimiriam idéias, comparável à escrita ou ao alfabeto dos surdos-mudos (CARONTINI; PERAYA, 1979).

A Semiologia aparece definida através da Lingüística Geral e a Lingüística, por sua vez, faz parte da Semiótica, porque a Semiótica contém a Semiologia, ou vice-versa. Sendo o signo lingüístico a combinação do conceito e da imagem acústica. Na parte material do signo estaria o significante ou seja, a imagem acústica que é constituída pela matéria fônica - os sons (na linguagem verbal). E este significante só poderia ser definido pelo significado ou seja, o conceito – a representação psíquica.

Ainda na Semiótica como ciência, o significante, sempre seria material e além dos sons, poderia representar objetos ou imagens. O signo nunca representaria o objeto, mas sim sua idéia - que foi previamente instituída para um determinado grupo de indivíduos ou comunidade lingüística.

O resultado deste “esquema semiológico” (signo ou sinal lingüístico = representação psíquica/imagem acústica=objeto) relacionado à Lingüística, também estaria associado com o próprio conceito do processo de tradução. Isso poderia ser, assim, mostrado esquematicamente (BELL, 1991):

$$\text{Sinal lingüístico} = \frac{\text{conceito}}{\text{imagem acústica}} \Rightarrow \text{Objeto}$$

Ou:

$$'Tree' = \frac{TREE}{/tri:/} \Rightarrow$$



Nosso exemplo seria:

$$'Árvore' = \frac{ÁRVORE}{/'arvori/}$$

Por “sinal”, entende-se o enunciado de um comunicante (que necessariamente se constitui de um elemento sensável e transferente) e de uma mensagem. Sendo lingüístico este sinal, seus elementos seriam o significado e o significante, conforme descrevem teorias lingüísticas (SAUSSURE, 1975; LYONS, 1987).

O processo de tradução seria semelhante ao que ocorre acima. A tradução seria a representação mental dos enunciados relevantes do texto fonte, e sua reconstrução em mensagem (real) no texto alvo. Contudo, a comunicação humana, embora forte e amplamente pautada na língua, possui inúmeras formas de expressão não lingüísticas, que compõem o universo da linguagem. Considerando esta perspectiva, ter-se-ia tradução em casos como “dentifrício”, que assim como pode ser traduzido por “pasta dental” em português, “tooth paste” em inglês, “pasta dentifricia” em italiano, etc., também pode ser traduzido pela sua própria imagem (figura 3).



Figura 3 - imagem de uma pasta dental comercial

Mesmo que a concepção básica de tradução possa ser facilmente compreendida, como já havíamos visto em páginas anteriores desta dissertação, o estudo do processo tradutório implica uma série de questões de ordem cultural, semiótica, conceitual, semântica, sintática, lexical, morfológica, etc. Assim, nesta linha teórica, o significado é entendido como a associação entre o significante, que seria o veículo, e uma determinada situação cultural. Por situação cultural entendem-se as cercanias físicas, sociais e psíquicas que envolvem os comunicantes durante os atos de comunicação.

Segundo Courtés (1979, p.49), uma tradução “não é somente uma mudança de significantes (fônicos ou gráficos), é também sair de um universo cultural determinado – com suas articulações semânticas específicas (...)”. Ou seja, uma tradução não é somente uma transferência de significados, mas é captar o real sentido do texto fonte, que depende de todo um contexto cultural. Isto porque a tradução propriamente dita ocorre entre línguas e culturas diferentes; embora existam outras classificações, como a tradução dentro de uma mesma língua, por exemplo.

Assim, Jakobson (1971) classificou as traduções em: intralingual, interlingual e intersemiótica. A tradução intralingual envolveria uma

mesma língua, como em textos antigos que são modernizados lingüisticamente; a interlingual -ou tradução propriamente dita - envolveria duas línguas diferentes; a intersemiótica envolveria a interpretação de signos verbais por meio de signos não-verbais, como a imagem de uma figura percebida (como mensagem) através da “leitura” de suas dimensões espacial e temporal.

Na tradução intralingual os meios de contraste são os sinônimos: “há a necessidade de glossários, explicações e até de uma nova tradução, que a rigor nem é intralingual, pois a língua já é de fato outra” (TRAVAGLIA, 2003, p.30). Já na tradução interlingual mudam os códigos lingüísticos, mas pressupõe-se que a realidade retratada no texto deva permanecer a mesma; ou seja, o que ocorre é uma nova equivalência entre os códigos. Os equivalentes são os meios de contraste interlingüístico. Para Aubert (TRAVAGLIA apud AUBERT, 2003), a equivalência na tradução interlingual caminha de uma forma para o conteúdo e deste para uma nova forma. Ou seja, mesmo com a equivalência do conteúdo, numa tradução interlingual, o que se forma é um novo texto (em outra língua, de outra cultura).

2.6. A Lingüística e a Tradução

Traduzir, além do conhecimento das línguas, das culturas, dos vocábulos específicos, exige conhecimentos lingüísticos. Refletindo sobre a Lingüística e a Tradução, poder-se-ia aliar a essa combinação a perspectiva semiótica da teoria lingüística sistêmico-funcional de Halliday, que possibilita a análise textual do texto traduzido (VASCONCELLOS; PAGANO,2004).

Halliday desenvolveu a hipótese da multifuncionalidade da língua. A língua, então, desempenharia três funções (chamadas de metafunções ou

macrofunções) simultaneamente. Essas macrofunções seriam: a ideacional, a interpessoal e a textual.

MACROFUNÇÕES DA LINGUAGEM (englobadas dentro dos componentes funcionais semânticos do sistema lingüístico)

- IDEACIONAL:

- governa o domínio do discurso
- expressa o significado cognitivo experiencial e lógico do discurso
- opera através da Transitividade

{	processo
}	função(ou participante)
}	circunstância

- INTERPESSOAL:

- governa o teor do discurso
- expressa a função do discurso
- opera através da Modalidade

{	modalização(probabilidade)
}	modulação (obrigação)
- opera através do Modo

{	indicativo(declarativo/interrogativo)
}	imperativo

- TEXTUAL:

- governa o modo do discurso
- expressa o significado do discurso
- opera através do Tema e Rema (tematização e informação)

Dentro de uma tradução, na função ideacional se analisaria a equivalência do conteúdo desta tradução, em um determinado contexto. Logo, em se relacionando esta afirmação com um dos objetivos desta

pesquisa, pode-se dizer que a equivalência (do conteúdo) é uma das técnicas de tradução analisadas.

Já a função interpessoal sempre estaria presente, uma vez que representa a interação entre os participantes do discurso; todavia em um texto escrito a interação entre escritores e leitores, por exemplo, seria menos efetiva do que num texto falado, salvo durante a tradução de um diálogo escrito; neste caso, o modo (indicativo-declarativo ou interrogativo/imperativo) e a modalidade (probabilidade/obrigação) da função interpessoal seriam efetivas pelo fato de evidenciarem o estilo e explicitarem os participantes do discurso. Assim, neste caso, não se deveriam mudar os tempos verbais, nem a “força” dos vocábulos do texto inicial; sob pena de se descaracterizar aquele texto. Ou seja, numa tradução, na função interpessoal, a equivalência ocorreria na reprodução da modalidade e modo verbal.

Além do modo e da modalidade na função interpessoal (de Halliday), há textos que mostram um léxico “especial” condizente com o tipo de texto de uma comunidade lingüística determinada; e que também mostrariam o estilo de expressão dos participantes do discurso. “Granger mostra a existência do estilo na prática científica e até na linguagem formal da matemática” (TRAVAGLIA, 2003, p.118). O estilo seria, então, determinado pelas escolhas lexicais de um indivíduo ou grupo de usuários daquela língua. Como, no caso, o estilo científico dos textos da Dentística, em que há um léxico determinado, que se equivale nos dois textos analisados em português e inglês.

A última função, a textual, governaria o modo do discurso (escrito ou falado) e uniria as partes do texto, num todo de maneira coerente, através do Tema e do Rema para o locutor (o ponto inicial do discurso e o que ele continua a dizer sobre isso), ou o “dado” e o “novo” para o ouvinte (ou interlocutor), – que, aqui, no nosso caso, poderia ser o tradutor - sendo que o locutor poderia empregar como recurso um ambiente lingüístico e

não-lingüístico (imagem, gesto) para relatar a mensagem ao ouvinte. Num ambiente não-lingüístico, a imagem poderia compensar o texto, ou somente reforçá-lo. Neste primeiro caso, a imagem funcionaria como a própria mensagem; no segundo caso, ela apenas ajudaria na construção da mensagem. Assim, as formas (lingüísticas e não-lingüísticas) que remetem um elemento a outro, dentro do texto, são as guias para o estabelecimento da coerência do texto e, também, garantem a coesão entre as partes do mesmo (TRAVAGLIA, 1990).

Recapitulando, no aspecto textual, o tradutor deveria identificar o Tema e o Rema do texto de partida, para, no texto de chegada, resgatar o “dado” e o “novo”, respeitando a imagem, algumas vezes, como mensagem ou apenas como “reforço”. Reconhecer o Tema de um texto pode parecer fácil, principalmente quando se domina o assunto; mas ser coerente textualmente pode ser tarefa complexa àqueles que possuem limitações relativamente às suas habilidades lingüísticas. Assim, principalmente, neste último caso, o uso de imagens poderia constituir um elemento adicional no sentido de tornar o texto lingüístico mais evidente. Todavia, as frases que remetem o leitor a esta outra parcela semiótica, neste caso específico a parcela imagética, têm de estabelecer coerência e coesão textual.

Ampliando mais os conceitos anteriores, para Halliday e Matthiessen (2004), a linguagem seria um sistema semiótico complexo que teria pelo menos três níveis: semântico, lexicográfico e fonológico. Mas acima da linguagem haveria o contexto (de situação ou cultural), que é um fenômeno que deveria ser abordado por diferentes ângulos. O contexto de situação, ainda, seria organizado de acordo com três outras variáveis de discurso: campo (acontecimento), relações (participantes) e modo (forma de comunicação). Estas três variáveis estariam reunidas dentro do registro de situação.

Então, o campo tenderia a ser realizado pelas funções ideacionais, as relações pelas funções interpessoais e o modo pelas funções textuais. Assim, como as relações seriam realizadas pela função interpessoal, implica dizer que o(s) participante(s) do discurso seria(m) expresso(s) pela modalidade (modalização ou modulação) e modo verbal (McANDREW, 2002).

Na língua inglesa, a modalidade é muito utilizada para enfatizar, através de verbos auxiliares modais ou anômalos (can, should, must, may, ought, etc...), se o escritor está apresentando um fato, opinando, ou, ainda, obrigando.

Ainda, como representado na figura 4, na visão sócio-semiótica da linguagem, o gênero do discurso se inter-relacionaria com o registro (campo, relações e modo), que, como visto, por sua vez, se inter-relacionaria com o sistema lingüístico e seus componentes funcionais semânticos (ideacional, interproximal e textual).

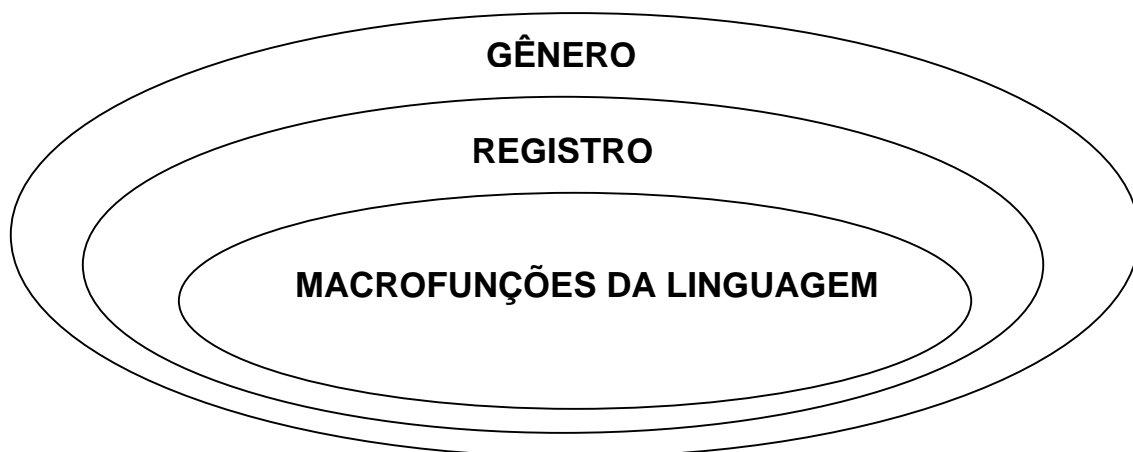


Figura 4 - visão sócio-semiótica da linguagem

Vian Jr. (2001, p.154) cita Hasan apontando, “que devido à familiaridade do usuário com os tipos de gêneros presentes em seu contexto cultural, bem como as variáveis de registro que possui em seu

contexto situacional mais os elementos presentes no texto, em conjunto com os referenciais que o usuário possui, faz com que ele descubra os ‘segredos’ de um texto”.

Matthiessen (2001) ressalta, também, que poderíamos analisar uma tradução a partir de uma série de ambientes, onde o mais abrangente entre eles seria o contexto da própria tradução ou o meta-contexto, que exploraria o campo, relações e modo. A partir daí, conseguir-se-ia desenvolver questões relacionadas à natureza da tradução, ou seja, sua localização entre tradução livre (versão, ou tradução por correspondência-com menor abrangência do contexto original) ou literal (valores equivalentes-com maior abrangência do contexto original).

2.7. Construindo textos pictoriamente

Matthiessen (2001), remetendo-se à parcela semiótica não-lingüística (ou imagética) dos textos, lembra que estes poderiam ser “traduzidos” de alguma forma na representação pictorial.

Inclusive, para Kress e Leeuwen (1996), algumas mensagens como as fotografias (“que não mentiriam”) seriam mais confiáveis do que outras. Ainda, para Kress e Leeuwen (id.ib.), enquanto a fotografia apresentaria um momento congelado no tempo, os diagramas mostrariam um processo que levaria um certo tempo para acontecer; enquanto a fotografia se restringiria a representar o que normalmente seria visível a olho nu, os diagramas não: eles tornariam visível o que normalmente seria invisível, como os processos mentais.

As pessoas, lugares e coisas poderiam ser representados visualmente, embora realmente existissem ou não - embora fossem imagens, fantasias, caricaturas, etc. (KRESS;LEEUVEN, 1996); daí, viria o conceito de modalidade na comunicação visual. Na realidade, o termo

“modalidade” teria surgido do ambiente dos lingüistas e referir-se-ia à credibilidade das afirmações sobre o mundo.

Por isso, analisando a tradução como “transferência” inter-semiótica, no aspecto da modalidade, podem-se analisar, ainda, as imagens do contexto. Isto é, se elas foram reproduzidas com fidelidade de cor, saturação, nitidez (CALLOW, 1994). Por que, por exemplo, uma fotografia sem cor, num texto técnico teria menor modalidade, ou representaria menor realismo científico, do que um exemplar colorido. Também a arte, na nossa cultura, teria menor modalidade do que a ciência.

Na ciência, o realismo científico, por outro lado, definiria a realidade baseada em como as coisas seriam genericamente ou regularmente (KRESS; LEEUWEN, 1996). Em outras palavras, a realidade poderia estar nos olhos de quem vê, mas estes olhos teriam de ser treinados culturalmente para isto, e localizados numa determinada esfera social e histórica. Todavia, como veremos abaixo, na “tradução” pictórica, além da modalidade na comunicação visual (KRESS; LEEUWEN, 1996), seria importante o aprendizado da textualidade espacial e temporal.

2.7.1. Textualidade espacial e temporal

Num texto, o locutor/escritor tem sempre a possibilidade de fazer uso de elementos de ambiente considerados lingüísticos - e não-lingüísticos - para representar a informação que ele deseja transmitir ao ouvinte. Neste caso, no ambiente lingüístico, a teoria semiótico-social de comunicação adota da lingüística funcional sistêmica (LFS) de Halliday a organização metafuncional de significados, que se refere à combinação e integração dos elementos ideacional (função ideacional) e interpessoal

(função interpessoal), dentro deste todo entendido como “texto” e visado como coerente (GOODMAN;GRADDOL, 1997).

O locutor uniria as partes do texto através do Tema e do Rema; já o ouvinte através da informação já conhecida e da informação nova. A distinção entre Tema e Rema seria baseada, respectivamente, no que o locutor queria anunciar como seu ponto inicial, e o que ele continuaria a dizer sobre isso. Estas características definiriam a função textual (de Halliday), que também poderia ser realizada **por composições no espaço e no tempo**.

As diferentes posições das figuras que, muitas vezes, separam seções de um texto desenvolveriam a metalinguagem visual. De acordo com as escolhas haveria, também, diferentes significados.

Baseados em Goodman/Graddol (1997) e Callow (1994) resumimos a *composição no espaço*, da função textual (LFS), em três itens: o valor da informação ou “layout”, estruturação e saliência ou caminhos para a leitura.

Por isso, a colocação dos elementos no topo (o ideal) ou na parte de baixo (o concreto), centro (núcleo da informação) ou margem (subordinação ao centro) de uma estrutura poderia influenciar o significado de uma imagem (CALLOW, 1994). Assim, como o que é colocado da esquerda para a direita seria, geralmente, o que é mais familiar ao leitor, e o que é novidade seria colocado da direita para esquerda.

Uma imagem poderia, ainda, ser estruturada de várias outras maneiras. As distâncias desta imagem determinariam a quantidade de informação dada ao leitor (CALLOW, 1994). Assim uma fotografia que se apresentasse longe do leitor mostraria menor intimidade com o mesmo, do que um “close-up”. A estrutura, também, poderia ser analisada pela continuidade ou descontinuidade das linhas/bordas (maior independência do elemento em relação ao meio) ou cor (GOODMAN;GRADDOL, 1997).

Porque a cor, por exemplo, poderia ser utilizada para criar imagens convincentes, eventualmente representando humor ou sentimento, e poderia ser descrita, ainda, em termos de tom e saturação (CALLOW, 1994). Tom seria o grau de iluminação, e saturação seria o grau de concentração dos corantes; variações no tom e saturação poderiam ser usados para uma variedade de propósitos diferentes.

Já, várias composições de imagens poderiam sugerir “caminhos” particulares para uma leitura.

“Estes caminhos, geralmente, influenciados por vetores, guiarão o olho numa certa direção ao redor de uma imagem. Geralmente, um elemento seria o mais saliente ou óbvio, por causa do tamanho, ângulo, cor ou sua posição na página (CALLOW, 1994, p.10)”.

Estas saliências ou caminhos serviriam de “links” visuais e resultariam da interação de vários fatores, como: tamanho, perfeição do foco (quantidade de detalhe e textura mostrados), contrastes de tom, contrastes de cor, disposição no campo visual, perspectiva, aparência da figura humana ou do símbolo cultural (GOODMAN, 1997). Muitas vezes, aparecem em textos de computador, para facilitar a leitura; são os, também chamados, caminhos de “navegação” nos hipertextos.

O “layout”, a estruturação e os caminhos para leitura, além, de, também, resultar da posição das figuras ou imagens no espaço, poderiam, num segundo plano, resultar do movimento (ou *composição no tempo*) dessas figuras, ou do movimento de uma câmera na frente delas.

Então, ainda, dentro da função textual (LFS), ações, transações e eventos seriam seqüenciados, sejam através de imagens complexas ou edição, que seriam explicadas relacionando-as à teoria da conjunção lingüística de Halliday e Hassan (GOODMAN apud HALLIDAY;HASSAN, 1997), dando coerência lógica ao texto, ao criar ligações ou conexões conjuntivas, que poderia ser do tipo temporal, espacial e/ou comparativa.

Uma das maneiras mais comuns, por meio das quais essas ações, transações e eventos poderiam ser ligadas seria pela seqüencialidade ou simultaneidade temporal, respectivamente: a primeira imagem mostraria uma ação, transação ou evento, a próxima imagem mostraria a próxima ação, transação ou evento; esta última acontecendo depois ou ao mesmo tempo daquela primeira (GOODMAN, 1997). Outra possibilidade seria o “flashback”, onde a primeira imagem mostraria uma ação, transação ou evento e a próxima imagem seria entendida como tendo acontecido antes da primeira; estas ligações conjuntivas também ocorreriam entre as orações (parágrafos ou capítulos) de um texto em inglês, de acordo com GOODMAN e GRADDOL (1997).

Alguns “filmes” poderiam descrever uma seqüência espacial, ao mostrar diferentes partes, detalhes diferentes – mais precisos, uns atrás dos outros; ou numa narração, a segunda sentença daria uma versão mais precisa da primeira (GOODMAN, 1997).

Em outras seqüências as imagens seriam ligadas pelas relações de similaridade ou contraste; assim haveria relações (conjuntivas) comparativas entre as imagens (similaridade e contraste), entre as orações (resultado, contraste, explicação), e entre as orações e as imagens (GOODMAN, 1997).

Deveríamos analisar todas essas etapas de construção textual (pictorial ou não) da obra original, antes de procedermos a uma tradução.

No capítulo que segue, será realizada uma análise da obra de Baratieri, “Dentística/ Procedimentos Preventivos e Restauradores”. Com base nos elementos levantados e discutidos nas páginas anteriores, serão realizadas algumas discussões que nos conduzirão a uma melhor compreensão dos processos empregados na transferência de código – português/inglês – proposta pelos profissionais já citados. A análise que segue toma por base dados de origem basicamente intersemiótica e lingüística.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DE DADOS

Tradução pode ser considerada como um ato de comunicação, e sua análise nos possibilita a compreensão de como um ser humano se utilizou da linguagem, porque, ao retextualizar, o tradutor faz inferências na formação de mundo e nos mostra sua postura frente a ele (ALVES, 2001).

A obra aqui analisada possui duas versões equivalentes, uma apresentada em língua portuguesa e outra em língua inglesa. Ambas estão disponíveis no mercado. As duas são amplamente empregadas por estudantes e profissionais da área da Odontologia, o que parece justificar sua escolha para este estudo voltado, de modo mais amplo, à tradução técnica.

Como complementação da pesquisa, foi realizada uma breve entrevista com o tradutor da obra examinada, tendo em vista que esta informação adicional pode, eventualmente, exercer papel importante, visto que os traços da tradução estão diretamente relacionados às características, ou estilo, do tradutor (- conforme desenvolvido no Capítulo 2, item 2.3). Ainda neste Capítulo, foram, como pode ser constado, abordados fatos relativos à “descrição do domínio”, colocando em evidência a(s) obra(s) examinada(s) inserida(s) no contexto taxionômico e histórico da Odontologia e, por sua vez e de modo mais amplo, das Ciências da Saúde. Na seqüência, procede-se a um exame crítico relativo à qualidade da tradução analisada.

Passando para a análise intersemiótica, haverá o exame de frases, elementos lexicais e enunciados, que remetem o leitor à parcela imagética que, nas obras selecionadas, ocupam uma extensa parte em suas

páginas. Em se tratando sobretudo de fotos que representam a realidade, são, evidentemente, idênticas em ambos os livros. (Estes elementos serão comparados na obra original e em sua versão traduzida.) Foram consideradas, também, as imagens no aspecto da modalidade e textualidade espacial e temporal.

Finalizando, será realizada análise lingüística, em que ocorrerá a identificação de algumas estratégias utilizadas pelos tradutores do livro “Dentística- Procedimentos Preventivos e Restauradores”.

3.1. “Conversa com o tradutor”

O Professor Sylvio Monteiro Júnior, tradutor principal da obra a ser analisada no estudo aqui proposto, ministra aulas nos cursos de graduação e pós-graduação de dentística, do curso de Odontologia, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Além disso, trata-se de um dos colaboradores do livro examinado, a relembrar: “Dentística- Procedimentos Preventivos e Restauradores”. O Professor obteve seu título de doutoramento pela Universidade de Indiana, em Indianápolis, EUA, adquirindo considerável aperfeiçoamento em inglês, especificamente na área aqui considerada, principalmente, do inglês técnico empregado em sua área de domínio, ou seja: a Dentística.

O professor Sylvio Monteiro Júnior não é tradutor profissional, todavia, além de conhecedor da língua de especialidade em questão, tem como prática a redação de trabalhos e artigos científicos em língua inglesa. Ele morou 4 anos nos EUA na ocasião da realização de seu doutoramento e, ao retornar ao Brasil, eventualmente realizava traduções subseqüentes inglês/português em palestras internacionais de Dentística, no curso de Odontologia da UFSC, dando continuidade a seu aperfeiçoamento lingüístico na área. A Dentística, como todas as ciências

da atualidade, sofre constantes alterações em função dos progressos da área, em função do surgimento de novas técnicas e de novos procedimentos, exigindo do profissional acompanhamento constante dessas mudanças. O Professor em questão inclui-se nesta categoria de profissionais capacitados terminologicamente em português e em inglês em seu campo de conhecimento.

O tradutor assim relatou em duas de suas respostas durante a conversa realizada no mês de dezembro do ano de 2004:

- **Perg.** Como se deu, como aconteceu a escolha dos tradutores da obra “Dentística-Procedimentos Preventivos e Restauradores”?

Prof. SMJ - “Escolhemos uma pessoa familiarizada na tradução de textos, com bom conhecimento da gramática (Prof. Fernando Volkmer) e um tradutor com experiência em inglês técnico (para Odontologia),”

- **Perg.** O que é importante para fazer uma tradução deste tipo?

Prof. SMJ - “Muito conhecimento da língua inglesa.”

O Professor Sylvio Monteiro Júnior, em suas respostas, tece comentários que coincidem com alguns conceitos presentes em nossa revisão de literatura. Para uma tradução do gênero técnico-científico, parece que a principal preocupação foi a de garantir o estilo e o “registro” utilizado pelos profissionais da área, ou seja: a impessoalidade e tecnicidade. Já o Professor Fernando Volkmer, seu colaborador, segundo explicitações informais, parece ter sido o responsável pelo desempenho em termos de habilidades lingüísticas refletidas no trabalho final de tradução, realizado por meio de revisão. Uma vez que os tradutores

devem prezar pelo estilo e significado daquilo que estão traduzindo (RODRIGUES, 2002), o trabalho em equipe parece ter zelado primordialmente por estes aspectos.

3.2. Descrição do domínio

As produções textuais da área da Odontologia e particularmente da Dentística, inserem-se, evidentemente, na categoria de textos ditos: técnico-científicos. Pois abordam singularidades de um domínio de conhecimento que se estabeleceu, de modo mais consolidado, no Brasil nos últimos 20 anos e que se firmou como uma área prioritária em termos de importância, para o tratamento da saúde e estética bucal. Sua importância sobretudo no Brasil, deve-se a questões de ordem de formação cultural, que parece conceder à questão estética grande importância.

Deste modo, todo o material disponível atualmente sobre a especialidade, seja no Brasil, seja no exterior, está relacionado à soma de conhecimentos relativamente recentes. Área, no entanto, não independente mas diretamente subordinada aos conhecimentos de uma área mais abrangente, a saber: a Odontologia e, por conseguinte, às Ciências Biomédicas ou Ciências da Saúde, tal como pode ser observado na figura 5, apresentada a seguir.

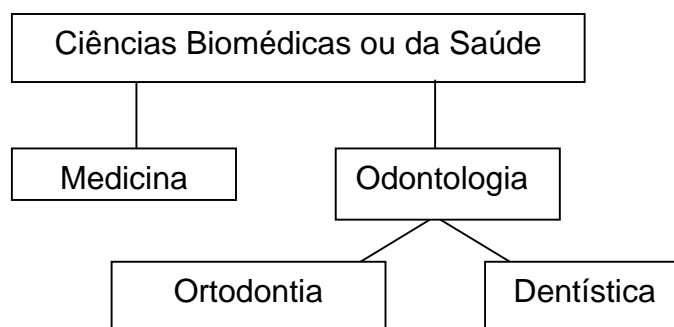


Figura 5 - Fluxograma para localização da Dentística como sub-ramo da área da saúde

Assim, na relação entre procedimentos técnico-científicos, manifestados por meio da prática e manipulações humanas e, conseqüentemente, marcadas pela necessidade de expressão em termos de linguagem em seu sentido amplo: língua, imagem, etc... a linguagem constrói a experiência humana, atribui nomes aos objetos organizando-os mentalmente por meio de proposições de categorias e, então, vai além e constrói as categorias em taxonomias canônicas, objeto da ciência a ser aprimorada e repassada (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004).

Os textos, por sua vez, dentro de uma esfera social, também, são organizados em taxonomias, formando os gêneros textuais. Mas, de acordo com os objetivos, o público alvo e o meio de transmissão da mensagem, os textos assumiriam traços que os caracterizariam como gêneros diversos dentro de uma mesma esfera social (RODRIGUES, 2001). Isto conduziria a dizer, ainda, que os gêneros textuais técnicos poderiam ser científicos, como nos artigos, ou informativos, como nos manuais ou bulas de medicamento, por exemplo. Portanto, as produções textuais na área da saúde seriam classificadas como produções técnicas e, ao mesmo tempo, científicas ou informativas.

Além do texto escrito e de suas especificidades manifestadas em todos os patamares (lexical, sintático, semântico, conceitual), os textos

desta especialidade estariam singularizados, igualmente, pela presença da parcela imagética que, segundo nossa concepção, constituiria espécies de textos de outra natureza, inseridos em contexto que os imbricam com outros tipos de textos, produzindo efeitos de ordem intersemiótica.

Conforme já mencionado acima, a área da saúde, por ser muito ampla, chama para si as produções científicas não somente da Medicina, mas da Odontologia e de outras ciências que se inserem na área da saúde. Por sua vez, em se tomando a Odontologia como uma figura hiperonímica, seus hipônimos seriam, neste caso, as especialidades mais variadas, e assim, também, as produções textuais das mesmas, estabelecidas enquanto ciências semi-independentes. Eis, sem pretender atingir a exaustividade, alguns exemplos: Dentística, Periodontia, Endodontia, Prótese, Cirurgia, Ortodontia, Radiologia, Oclusão, entre tantos outros desmembramentos recentes que permitiriam colocar cada uma dessas especialidades na categoria de hiperônimos.

Na Dentística, de modo específico, os procedimentos selecionados a serem tratados num texto científico da área poderiam ser desde um processo de remineralização de cáries do esmalte dentário, selamento de cicatrículas e fissuras, colagem de fragmentos dentais, restaurações em resinas compostas, próteses adesivas ou, ainda, próteses unitárias. Na totalidade destes casos, a parcela imagética ocupa uma função determinante nas obras deste campo, pois trata-se de técnicas que, para o profissional em formação ou em aperfeiçoamento, precisam ser acompanhadas tanto do objeto de intervenção, quanto dos instrumentos necessários a sua realização. O texto escrito exige a presença da parcela imagética e a mesma encontra-se referenciada na expressão “lingüística explanatória”.

3.2.1. Breve histórico

Historicamente, a atuação do médico parece preceder a do cirurgião-dentista, apesar desses dois domínios estarem taxionomicamente relacionados.

Na área médica, o discurso de natureza, científica consolidou-se progressivamente com o desabrochar desta mesma ciência. A medicina moderna teria, assim, consolidado seu caráter científico na Europa do séc. XVIII, concomitantemente à Revolução Industrial e a partir, sobretudo, das definições dos diversos tipos de doença. O ano de 1728 é o marco em que, na França, um médico revolucionou a Odontologia, com o livro “*Le Chirurgien Dentiste au Traité des Dents*”, inovando conhecimentos, criando técnicas e aparelhos (FERNANDES, 1999).

No Brasil, somente em 1820 teria sido concedida “a carta” a um dentista, que não fosse médico ou barbeiro, porque este havia se diplomado pela Faculdade de Odontologia de Paris. Especialmente, em Florianópolis/SC, em 1948 surgiu a Faculdade de Odontologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; e em 1960 é que um grupo de médicos fundou a Faculdade de Medicina da UFSC.

Em 1989, na UFSC, o prof. Dr Luiz Narciso Baratieri, do departamento de estomatologia, editou, com alguns outros renomados colaboradores, o livro “Dentística-Procedimentos Preventivos e Restauradores”, que, além de prevenção, procedimentos periodontais e estéticos, abordou o que havia de mais moderno sobre a Odontologia da época, tanto para profissionais como para estudantes. Anos após, em 1993, um de seus colaboradores, o prof. Dr Sylvio Monteiro Júnior, em parceria com o professor Fernando J. Volkmer, traduziu a mesma obra.

Atualmente, devido ao domínio do poder e do conhecimento científico e à penetração global da língua inglesa, os artigos científicos da área da Dentística, se originam, sobretudo, dos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá. Do mesmo modo, as publicações dos profissionais que se destacam nesta área, no Brasil, precisaram ser traduzidas para o inglês, justamente visando atingir maior público e alcançar divulgação internacional e conseqüente relevância científica.

Por isso é que destacamos que os textos aqui analisados, de autoria do prof. Dr. Luiz Narciso Baratieri e colaboradores da área de odontologia (das especialidades de Dentística-Restauradora e outras), foram traduzidos do português para o inglês pelo prof. Dr. Sylvio Monteiro Júnior (cirurgião-dentista) e pelo prof. Fernando Volkmer. Os textos destas obras também lançam mão da parcela imagética de modalidade semiótica, já que estes tipos de textos necessitam de algum tipo de complementação explicativa, principalmente para os iniciantes ou leigos no assunto. Inclusive, nesta parcela imagética de modalidade semiótica, a obra em inglês mostra maior grau de modalidade (das imagens), ou seja, porque a maioria das ilustrações (fotografias) da obra em inglês são coloridas, mantendo representação muito mais próxima com os objetos representados e conseqüente realidade com vistas ao seu uso científico.

Também pudemos constatar, nos mesmos textos em inglês, que foram utilizadas algumas estratégias lingüísticas, por parte dos tradutores. Estratégias estas que foram classificadas didaticamente no capítulo anterior, mas que podem ter sido utilizadas de forma inconsciente ou “reflexa”, do ponto de vista cognitivo; uma vez que os tradutores tinham bastante conhecimento do inglês técnico e da gramática inglesa.

No parecer da tradutora profissional Sieni Maria de Matos Campos (em 13/04/05) relativamente aos textos analisados, o material traduzido é de melhor qualidade do que o original do ponto de vista de sintaxe e pontuação. Para ela, em determinados momentos, o tradutor acabou por

propor uma versão mais apurada no texto em inglês, sobretudo ao utilizar-se da estratégia de reconstrução de períodos. Do ponto de vista da equivalência de sentido, a tradução foi considerada por Sieni Maria de Matos Campos como excelente, isto é, muito bem realizada, se examinada com olhos crítico-teóricos. Isto talvez porque como já havia mencionado o tradutor Sylvio Monteiro Júnior, na tradução dos textos foi escolhida uma pessoa “com bom conhecimento da gramática e um tradutor com experiência em inglês técnico”.

Aceitando a máxima de que “toda obra tem seu estilo” ou “se parece com seu criador”; então, na obra tomada aqui como parâmetro de análise, seria possível identificar vários estilos de acordo com os seus criadores. O desenvolvimento de um texto de natureza técnica deve, provavelmente, exigir de seus organizadores grande empenho, seja na obra de base, seja em sua tradução. Na versão em inglês identificamos a presença e união de somente dois “estilos” que se complementaram: aquele do “escritor” e aquele do revisor da “gramática”.

Após esta descrição do domínio e breve histórico da obra da Dentística, passemos às interferências na relação analítico e sintética e depois às análises propriamente ditas, iniciando-se pela análise intersemiótica.

3.3. As interferências na relação analítico e sintética

Na versão em língua portuguesa observamos períodos mais longos do que na versão inglesa. Talvez este fenômeno deva-se ao fato de o português, por ser uma língua analítica, aceitar períodos mais longos. Contrariamente, o inglês, em sendo uma língua que obedece a bases sintéticas, apresente períodos mais condensados. Há, todavia, de atentar-se para o fato de que, quanto mais longo for um período, maior poderá ser

a incidência de dificuldades na composição de frases gramaticalmente aceitáveis do ponto de vista sintático. Por isso, talvez, a necessidade constatada de “melhorias” na obra em inglês.

Entende-se como “melhorias” a exposição mais direta e clara de algumas representações. A título de exemplificação, tomaremos o primeiro parágrafo da introdução do capítulo 6, da obra analisada em português, com sua respectiva tradução, em inglês :

“Os cimentos de ionômero de vidro representam um novo marco dentro da Odontologia, em função do comprovado potencial de adesão por meios físico-químicos que apresentam tanto ao esmalte quanto à dentina, possibilitando dessa forma considerável economia de tecido dental sadio, uma vez que se torna desnecessária a execução de preparos típicos com retenções mecânicas adicionais, além de permitirem margens completamente seladas, do comprovado fornecimento de íons flúor à estrutura adjacente às restaurações e da melhor compatibilidade biológica.” (p.167)

“The Glass Ionomer Cements (GICs) represent a new landmark within dentistry, due to the well attested adhesion potencial they offer to both enamel and dentin by physio-chemical mechanisms. In this way a considerable amount of healthy dental tissue is saved, as typical preparations with additional mechanical retention become unnecessary. Added to that advantage, the GICs also allow for totally sealed restoration margins, a well attested release of flouride to the structures adjacent to the restoration, and a better biologic compatibility.” (p.167)

Esta oração em português por ter sido composta de modo mais extenso, elaborada em um único período, parece ter se tornado de difícil compreensão. No entanto, em sua versão em língua inglesa, o mesmo excerto foi redividido em três outros períodos bem marcados, gerando, eventualmente, melhor apreensão e processamento da sintaxe e da semântica subjacente ao texto. O primeiro período da oração em inglês utilizou uma sigla, adotada para substituir o sujeito, reutilizada no terceiro e último período, conduzindo, ainda mais, a uma melhor apreensão do

sentido desta porção da obra. Isto é, com a “reconstrução de períodos” ocorreu o que poderia correntemente chamar de “melhorias” no texto traduzido; porque não se repetiram na tradução as inadequações cometidas, por exemplo, por meio da pontuação do texto original. O(s) tradutor(es) para a versão em inglês fez o que o revisor, do texto em português, poderia eventualmente ter realizado. Este procedimento poderia, num primeiro momento, ter proporcionado uma versão mais apropriada em língua portuguesa e, conseqüentemente, um processo de transposição de código facilitado, além de garantir maior similaridade formal entre as duas propostas.

3.4. Análise intersemiótica

Para o exame de troca de informações entre modalidades semióticas, vamos considerar a relação entre o texto escrito e a imagem.

Como já mencionado, o texto do livro examinado apresenta grande número de ilustrações, compostas, em sua grande maioria, por fotos. Nosso objetivo é examinar as frases que possuam elementos lingüísticos que, semanticamente, remetam o leitor à parcela imagética.

Nas investigações acerca do caráter intersemiótico do texto original e do texto traduzido, há dois tipos de frases que propõem a remissão do leitor à imagem:

- a frase que cita diretamente uma figura, que compensará o tema lingüístico de forma visual;
- a frase que explica um fato e só cita (geralmente, entre parênteses) uma figura, que ilustrará o que já foi explicado no texto anteriormente - ou seja, a figura citada reforçará, de forma visual, a informação já dada.

Fazendo-se uma analogia às macrofunções da linguagem (conceito sócio-semiótico de Halliday), isso poderia estar inserido na função textual, que governa o modo do discurso. A forma como foi escrito este discurso - poderia ser um discurso falado, em que não haveria ilustrações - aludiu a imagens compensatórias, ou apenas ilustrativas de reforço. No caso de a imagem compensar o texto, ela estaria funcionando como “tema” ou algo conhecido/dado, que seria o ponto inicial do discurso. Mas, no caso de a imagem somente reforçar o texto, aparecendo sua indicação, geralmente, entre-parênteses, ela estaria funcionando, então, como “rema” ou algo novo, que seria o que se continuaria a dizer após o ponto inicial do discurso.

Com isso, também, se evidenciou que na análise intersemiótica da função textual de vários casos examinados tanto o “tema” como o “rema” se equivaleram em português e inglês; ou seja, houve equivalência na análise intersemiótica do aspecto textual tema/rema, da obra original e traduzida.

Como exemplos, citamos abaixo, frases que remeteriam o leitor à imagem, e que ora estariam funcionando como “tema”, ora estariam funcionando como “rema” – neste último caso, aparecendo a indicação da figura, ou imagem, entre-parênteses.

Exemplo 1:

“As Figs. 4-17 A, B, C, D, E, F, G e H mostram um caso clínico de um incisivo central superior fraturado e restaurado com resina composta, onde observa-se a seqüência do ajuste da restauração.” (BARATIERI/COLS, 1989, p.131) Representadas a seguir como “Figuras 6 A, B, C, D, E, F, G e H”.

Figura 6 - Ajuste de uma restauração de resina composta (dente anterior).



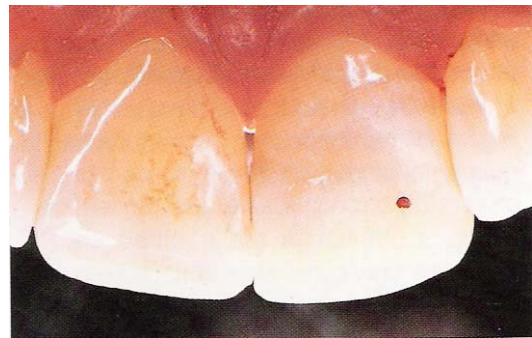
(A) Aspecto clínico pré-operatório.



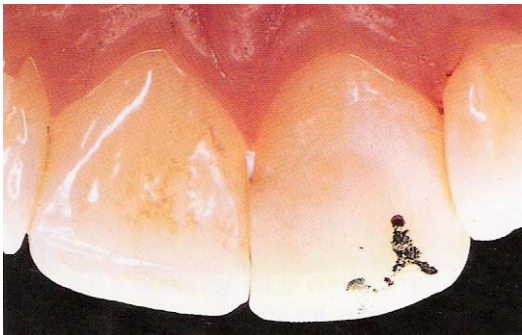
(B) Aspecto clínico da restauração concluída.



(C) Colocação da fita demarcadora de contato (accu-film).



(D) Contato demarcado em MIH.



(E) Contato demarcado em protrusão.



(F) Relação de topo com contato apenas no dente restaurado.



(G) Após o ajuste observa-se harmonia de contatos (protrusão).



(H) Vista frontal da guia anterior restabelecida.

“Figures 4-17 A to H present a clinical case of a fractured upper central incisor, restored with composite resin.” (p.131)

Exemplo 2:

“Os contatos interproximais devem ser localizados e mantidos no 1/3 oclusal dos dentes e vestibularmente à fossa central, à exceção do primeiro e segundo molar superior (**Figs. 3-3 e 3-4**).” (p. 72)

*“Interproximal contacts must be located and kept on the occlusal third of teeth and facial to the central fossa, exception made of the first and second upper molars (**Figs. 3-3 and 3-4**).” (p. 72)*

No primeiro exemplo (em português e inglês) a indicação para as figuras funcionou como “Tema” ou o ponto inicial do discurso – o que é logo conhecido, já no segundo exemplo (em português e inglês) a indicação para as figuras funcionou como “Rema” ou o que se continua a “dizer”... – o que, ainda, não se conhece até se completar a leitura do texto e ocorrer a interação com a imagem, após sua indicação entre parênteses.

Assim, a primeira pergunta da pesquisa: “As trocas entre modalidades semióticas operar-se-iam em função de orientações expressas por meio de seu sentido, visando interferir sobre a atenção do leitor, isto é, trata-se de pistas explicitamente registradas pelo autor do texto de modo a conduzir o leitor a interagir com a imagem e complementar a rede de informação a ser atingida?” Tem a resposta no desenvolvimento, acima, uma vez que o texto, contém, absolutamente, “pistas” do autor, de modo a conduzir o leitor a interagir com a imagem de forma direta (como “tema”) ou indireta (como “rema”).

Quanto à segunda pergunta da pesquisa aqui, também, relevante: “Há um certo número de elementos de ordem lexical, ou estruturas mais amplas, empregadas tanto em português quanto em inglês para compor frases com orientações, elaboradas expressamente visando que o leitor dirija sua atenção para as parcelas imagéticas. Quais seriam?” Responderíamos que os elementos lexicais empregados em português e inglês, para compor frases com orientações para o leitor dirigir sua atenção para as parcelas imagéticas foram as seguintes unidades, marcadas pela presença do elemento verbal:

apresenta(m), confirma(m), descrito(a), está ilustrado, ilustra(m), mostra(m), observe, oferece(m), se pode(m) observar, veja, verifica(m)-se.

Naturalmente, as traduções, para o inglês, destes elementos não foram sempre literais; algumas vezes, foram substituídos por termos equivalentes:

Ex 1. “A Tabela 1-2 mostra,(...)” (p.12) / “*Table 1-2 presents,(...)*” (p.12) ou “Fig. 1-13. a mostra (...)” (p.32) / “*Fig. 1-13. (a) Shows (...)*” (p.32);.

Ex. 2. “(...) Observe a quantidade e qualidade da (...)” (p.81) / “*(...) Observe quantity and quality of (...)*” (p.81);

Ex. 3. “(...),observa-se o deslocamento do tecido.” (p.94) / “*(...), tissue displacement can be observed.*” (p.94);

Ex. 4. “(...)o que pode ser observado na Fig.4-7.” (p.121) / “(...), as represented on Figure 4-7.” (p.121) ou “(...) (veja Fig. 4-3).” (p.121) / “(...) (see Fig. 4-3).” (p.121).

Nas traduções dos enunciados das figuras, para o inglês, muitas vezes, também, foram adicionados verbos anômalos ou modais, como *can*; não utilizados no original em português. Isto é, teria ocorrido uma falta de equivalência tradutória, na modalidade verbal dos enunciados das figuras. Isso nos leva a refletir sobre a função interpessoal (LFS) do texto, em que, segundo Fawcett (1997), o elevado uso de declarativos sugeriria um “expert” escrevendo de uma posição de conhecimento e poder, enquanto o uso de declarativos modais (ou moduladores) sugeririam a necessidade de suporte. Ficam aqui, então, outras perguntas que poderiam ser respondidas num próximo trabalho: estas seriam somente formas de se construir o campo disciplinar da ciência? Ou, no texto técnico - neste caso uma “versão”, que é uma tradução da língua materna para o inglês - a utilização de (verbos) moduladores poderia estar amenizando qualquer problema cultural? De qualquer forma, a função interpessoal é menos efetiva num texto escrito e técnico, como este. Sendo assim, é de se esperar que o mesmo ocorra na sua tradução.

Além disso, muitas imagens fotográficas foram realizadas, principalmente, por composições no tempo mostrando uma seqüencialidade e coerência. Isto, ainda, dentro da função textual (LFS) – textualidade temporal - no qual a teoria da conjunção lingüística de Halliday e Hassan (1976) demonstra que ações, transações e eventos poderiam originar ligações ou seqüências de imagens ou orações. O exemplo mais comum é o da conjunção temporal, porque todos os casos clínico-cirúrgicos foram explicados com suas fotografias, nas seqüências das intervenções, tanto na obra original como na traduzida. A conjunção comparativa (como foto comparando o resultado de um exame possível

com o obtido) e a espacial (como foto mostrando dente com cárie e outra mostrando “kit”, capaz de detectar paciente com alto risco à cárie), também ocorreram, mas em menores proporções.

Quanto à textualidade espacial das fotos, baseada em Callow (1994), tanto na obra original como na traduzida, todas as fotos foram estruturadas em “close-up”, com os caminhos para leitura focalizando o que está em destaque no texto escrito (dente, gengiva, pino retentor de restauração, etc.), mas as normas de apresentação em “layout” foram melhor aproveitadas na obra traduzida.

Ainda, o aspecto modalidade na comunicação visual (KRESS; LEEUWEN, 1996), inserido na obra, auxiliaria no realismo científico das informações e temas abordados (àqueles que estivessem culturalmente treinados para tal). A obra em inglês mostra maior grau de modalidade (das imagens); porque as fotografias são todas coloridas, o que proporciona às mesmas uma representação bastante próxima da realidade que pretende-se reproduzir através deste meio.

Até os parágrafos e páginas coincidem na obra original e traduzida, tentando “imitar” ou buscar equivalência relativamente à disposição visual (do texto original); apesar do maior número de vocábulos, como já observado anteriormente, do original em português.

Após esta breve análise de relações intersemióticas, passemos à análise lingüística.

3.5. Análise lingüística

Na análise lingüística da tradução em questão, procuramos identificar as estratégias utilizadas pelos tradutores de acordo com a “Proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução” de

Barbosa (1990), baseada nos procedimentos descritos por Vinay e Darbelnet (CHESTERMAN apud VINAY;DARBELNET, 1997).

Nos textos técnico–científicos da obra traduzida “*Advanced Operative Dentistry*” foram freqüentes, entre outras, as seguintes estratégias:

3.5.1. Equivalência e Transposição

Os procedimentos técnicos da tradução, escritos por Barbosa (1990), foram descritos como propostas de estratégias tradutórias, na tentativa de responder à pergunta “como traduzir?”. No entanto, os tradutores desta obra analisada, não sendo profissionais do ramo da tradução, parecem não ter tido a preocupação em obedecer, teoricamente, estratégias tradutórias. Dentro daquele contexto, parecem ter buscado representar suas experiências, explicitadas de modo subjacente por meio da composição textual e de sua recriação, evidentemente permeada por recursos lexicais, semânticos e gramaticais, empregados para levar a cabo a tarefa de tradução do livro. Parece ainda que na tradução técnica, realizada por técnicos-profissionais do domínio traduzido, há uma preocupação bastante grande em relação ao registro da mensagem, visando o leitor, atingida através da equivalência do conteúdo na função ideacional (Linguística Funcional Sistêmica) - responsável por governar o domínio do discurso e expressar o significado cognitivo experiencial.

Assim, a equivalência, bem como a transposição, foram as duas estratégias tradutórias mais encontradas nas obras comparadas e examinadas, tal como pode ser constatado no exemplo abaixo:

“A promoção de saúde bucal pode ser feita pelo controle da placa dental, da dieta, e pelo uso do fluor* (F)”. (p.43)

“Promoting oral health can be induced through control of the dental plaque, of the diet, and by using fluoride(F)”. (p.43)*

A oração em inglês é equivalente em sentido à oração em português; e houve, por exemplo, a transposição do substantivo “promoção” pelo verbo “*promoting*”.

Para Vinay e Darbelnet (CHESTERMAN apud VINAY;DARBELNET, 1997) a transposição é uma estratégia de tradução que, normalmente, também promoveria outras mudanças estruturais nas orações envolvidas; mas não foi o que ficou constatado.

3.5.2. Tradução literal

Para Aubert (1984), na relação inglês / português, a tradução literal é a modalidade mais freqüente, seguida pela transposição - que consiste, basicamente, na mudança da classe gramatical do termo a ser traduzido.

A tradução literal que foi igualmente outra estratégia bastante identificada na obra analisada, pode ser verificada no exemplo abaixo:

“A freqüência com que os dentes anteriores fraturam-se, bem como as dificuldades para restaurá-los adequadamente, tem sido relatada”. (p. 257)

“The frequency with which anterior teeth are fractured,as well as the difficulties to have them properly restored, has been reported”. (p. 257)

A tradução literal ocorre quando da adequação da morfo-sintaxe às normas gramaticais da língua traduzida. Assim, a palavra reflexiva

“fraturam-se” se forma de outra maneira em inglês. Entretanto, na obra traduzida esta palavra é relacionada com “*are fractured*”.

Segundo a conceituação da teoria das funções da linguagem (BARBOSA apud NEWMARK, 1990), se a finalidade desta tradução visasse à compreensão do leitor de língua inglesa, ela deveria afastar-se da literalidade, adaptando o texto para a realidade desse leitor, facilitando-lhe a compreensão.

Apesar da natureza do texto permitir que o tradutor tome decisões a respeito da necessidade de maior, ou menor, fidelidade à forma ou estilo do original, talvez a tradução literal seja interessante neste tipo de texto técnico-científico, uma vez que parece promover maior abrangência do contexto original.

Falando-se numa possível relação entre tradução literal e texto técnico-científico, cabe, aqui, a terceira e última pergunta da pesquisa: “Em se tratando de texto técnico–científico, haveria uma certa semelhança ‘estrutural’ entre o original e a tradução?”

A resposta parece ser a de que, justamente, em se tratando de texto técnico-científico, o original e a tradução se assemelhem nas estruturas lexicais e semânticas, com algumas diferenças nas estruturas sintáticas, já que as duas línguas analisadas são de origens bem distintas uma em relação à outra. Até porque, uma vez que a língua inglesa não aceita períodos muito longos, há a necessidade, muitas vezes, da reconstrução de períodos na tradução para o inglês.

Ainda, o que este discurso de natureza técnico-científico definiria é a tal língua de especialidade. Para Wills (AZENHA apud WILLS, 1999) seria, sob certa ótica, praticamente no léxico que as linguagens de especialidade ou técnicas difeririam da linguagem comum, mas para Azenha este assunto é controverso e remeteria à discussão da passagem do conteúdo semântico na teoria da tradução.

Todo este discurso, não significa dizer que a tradução técnica tenha de ser literal. Significa, sim, que seja como for, numa tradução há sempre a busca por certa equivalência, ou semelhança interpretativa, com o texto original.

3.5.3. Reconstrução de períodos

A reconstrução de períodos também parece ter sido uma estratégia utilizada pelos tradutores, da obra em inglês, como se pode observar no exemplo abaixo:

“Para melhor entendimento do aspecto clínico da oclusão, será feito um resumo fundamentado nos seus princípios, que são as posições e os movimentos mandibulares básicos, procurando de maneira sucinta revelar os ‘segredos’ da fisiologia do sistema estomatognático”. (p. 117)

“To better understand the clinical aspects of occlusion, a summary will be made, based on its principles, which are the Positions and the Basic Mandibular Movements. We shall try to present, in a succinct way, the stomatognathic system physiology ‘secrets’”. (p. 117)

A oração complexa do português, exige períodos mais curtos em inglês. No exemplo em inglês, acima, é obrigatória a presença do pronome pessoal *we*, que é omitido em português, e a redivisão da oração (em inglês) em dois outros períodos.

3.5.4. Tradução palavra por palavra

A estratégia de tradução palavra por palavra foi de difícil constatação nos textos em inglês, em sendo sua ocorrência bastante rara. Uma explicação possível para tal fenômeno talvez deva-se ao fato de que

sendo o inglês e o português línguas relativamente distintas em sua origem e, logo, estruturalmente diferentes, torna-se complexo manter uma mesma ordem sintática, sobretudo quando ela não é visada. Assim, sem esquecer que os textos são técnicos, a relação máxima na tradução palavra/palavra ocorreu somente em enunciados de tabelas explicativas, que utilizavam pequenas orações ou orações incompletas, conforme mostra o exemplo abaixo:

“Fatores que podem ser avaliados” (p.13)

“Factors which can be evaluated” (p.13)

Eventualmente, para o profissional em formação na área da Dentística, tal fenômeno não parece interferir nem na leitura e nem no processamento da informação almejada.

3.5.5. Modulação

Barbosa (1990), menciona a modulação obrigatória e a facultativa: a obrigatória seria a que reflete uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real, enquanto a facultativa refletiria uma diferença de estilo.

Na tradução técnico-científica da área da saúde, segundo nossas observações específicas a respeito da análise desta obra da Dentística, a modulação obrigatória não seria um fenômeno muito recorrente. No que diz respeito à terminologia da área, apesar das observações acima acerca das diferenças entre língua latina e germânica, os termos técnicos do português são muito semelhantes aos do inglês. Poderia-se lembrar que parte considerável dos termos técnicos do inglês tenham origem no latim.

Todavia, como fenômeno de ordem reflexiva, na instauração das ciências, devido à supremacia das manifestações científicas em língua inglesa, o português recupera boa parte dos termos já processados em inglês, com eventuais modificações aplicadas pela língua. Um estudo etimológico mostraria que parte dessa terminologia “voltou” efetivamente para as línguas neolatinas via língua inglesa.

Já, a modulação facultativa poderia ocorrer, com mais facilidade, neste tipo de tradução técnico-científica; uma vez que refletiria, apenas, uma diferença de estilo.

Mas, mesmo assim, como exemplo, foi possível constatar, em nossa análise, uma “gíria” em português que foi traduzida pela estratégia de modulação obrigatória:

“alto astral” (p.257)

high spirit (p.257)

O exemplo parece, no mínimo, interessante pela sua presença em uma obra de caráter altamente científico.

3.5.6. Omissão *versus* explicitação

A omissão é uma estratégia muito comum nas traduções em geral; seja por necessidade, seja por conveniência. Já, a explicitação é mais comum na tradução do português para o inglês, por exemplo, para “explicitar” os pronomes pessoais, porque o verbo sozinho não explica a que pessoa está se referindo, em inglês. Por exemplo:

“No entanto, para que este uso seja fundamentado mais na razão do que no empirismo, utilizamos hoje do conhecimento existente em pelo menos 4 níveis: 1) Dinâmica do Desenvolvimento da lesão de cárie; 2)

Entendimento do Mecanismo de Ação do Flúor; 3) Conhecimento sobre Farmacocinética do Flúor; e 4) Toxicologia do Flúor.” (p.43)

“To found such use more on reason than on empiricism, we make use, at present, of knowledge existing on four levels at least: 1. Caries Lesion Development Dynamics; 2. An Understanding of Fluoride Action Mechanism; 3. A knowledge of Fluoride Pharmacokinetics; and 4. Fluoride Toxicology.” (p.43)

No exemplo em inglês, acima, há a explicitação do pronome pessoal *we*, que é omitido em português. Como sabemos, diferentemente do português de Portugal, no qual a ausência do pronome ainda é evitada, no português brasileiro tornou-se muito comum frases do tipo: “Aplica um procedimento cirúrgico [...]”. Esse aspecto pode, eventualmente causar problemas ao tradutor do texto do português para o inglês, pois a identificação das pessoas do discurso pode ser afetada por fenômenos de ambigüidade. Na frase por nós proposta: “Aplica um procedimento cirúrgico [...]”, poderíamos questionar: quem aplica o procedimento? Ele ou você, ao passo que no caso do pronome explicitado, a ambigüidade eventualmente se reduziria.

3.5.7. Melhorias

Como já mencionado, anteriormente, as “melhorias” consistem de aperfeiçoamentos, como por exemplo, não reproduzir na tradução eventuais falhas registradas e expressamente identificadas no texto original. Em nossa análise, as melhorias identificadas foram realizadas sobretudo por meio da reconstrução de períodos, nos quais algum problema foi constatado. Vários poderiam ser os exemplos citados. Todavia, como exemplificação, eis o caso abaixo transcrito:

“O ensino da oclusão, no entanto, embora fundamentado em princípios básicos, sob o nosso ponto de vista, vem sendo focado de maneira demasiadamente complexa e teórica, dificultando com isso o acesso do clínico e do próprio estudante de graduação ao seu conhecimento e aplicação.” (p.117)

“The way we see it, the teaching of occlusion, although founded on basic principles, has been focused under an extremely complex and theoretical way. It becomes thus difficult for both clinician and dental student to gain access to its knowledge and application.” (p. 117)

No exemplo acima, a melhoria identificada foi realizada por meio da reconstrução de dois períodos, ao invés de um só; o que facilitou o entendimento da mensagem. Porque a oração complexa do português exige períodos mais curtos em inglês para melhorar o sentido da mesma.

3.5.8. Transferência

No caso da transferência, por exemplo pode tratar-se daquilo que se entende correntemente por “estrangeirismo” (repetição do termo original no texto traduzido) com eventual proposta de explicação de seu significado por meio de nota de rodapé. Barbosa afirma que: porque “muitas vezes o TLO não permite esta compreensão, sendo necessário acrescentar ao TLT procedimentos adicionais à *transferência* para proporcionar ao leitor um entendimento do significado do mesmo” (BARBOSA, 1990, p. 74).

Todavia, na obra examinada este procedimento não costuma ocorrer, uma vez que o léxico é normalmente conhecido do público alvo. Por isso, em nossas investigações identificamos somente um caso, abaixo transcrito:

“A Promoção de saúde bucal pode ser feita pelo controle da placa dental, da dieta, e pelo uso do flúor* (F).” (p.43)

“Promoting oral health can be induced through control of the dental plaque, of the diet, and by using fluoride (F).” (p. 43)*

*“*Generical term employed to define ionic forms (fluoride, ionizing nonionizing) of the element F.”*

No exemplo em português, o asterisco utilizado serviu somente para chamar a atenção do termo genérico “flúor” (com seu símbolo entre parênteses), já que este elemento químico possui formas iônicas importantes, como o fluoreto, muito utilizado na Odontologia. Na tradução em inglês o asterisco foi utilizado como nota de rodapé, na qual aparece a explicação para a significação daquele termo.

3.5.9. Explicação

A constatação desta estratégia não foi muito recorrente nesta investigação. Se os termos técnicos do português, sob certa ótica, derivam, em recorte diacrônico mais recente, do inglês, não haveria muito o que se explicar numa tradução do português para o inglês. Mas, em algumas fotografias analisadas, surgiram, como exemplo, as seguintes menções:

“(Cd Edson Carlos Lima – aluno do Curso de Especialização em Dentística Restauradora da UFSC).” (p. 288)

“(Courtesy from Dr. Edson Carlos Lima – Graduate student at the Operative Dentistry Program at the Federal University of Santa Catarina.)” (p. 288)

Ou também:

“(C.D. Antonio Miguel Domingues Gil – aluno do curso de Especialização em Dentística Restauradora da U. F. S. C.).” (p. 487)

“(Dr. Antonio Miguel Domingues Gil, Operative Dentistry graduate student at the Federal University of Santa Catarina.)” (p. 87)

É possível constatar, através dos dois exemplos acima, que não há um termo correspondente em inglês para o curso brasileiro. Portanto, houve uma certa dificuldade para a explicação do termo, que parece não poder ser classificado como “estrangeirismo”, pois, do contrário poderia, eventualmente, provocar maiores problemas à compreensão do mesmo. Talvez, assim, no primeiro exemplo, a “explicação” como estratégia tradutória tenha ficado mais evidente.

3.5.10. Decalque

Dentre alguns possíveis exemplos de decalque ou “aclimatação do empréstimo lingüístico” de tipos frasais do português para o inglês, o mais característico ocorreu na seguinte oração que, observe-se, acompanhava uma ilustração, mais precisamente uma foto:

“Fig. 5-14 (A) Cimento de ionômero de vidro (Fuji Ionomer tipo II), sendo aplicado nas cavidades com o auxílio de uma sonda exploradora, onde observa-se o ‘brilho molhado’ na sua superfície.” (p. 159)

“Fig. 5-14. (A) (Fuji Ionomer Type II) glass ionomer cement being applied to the cavities with the help of an explore probe; ‘wet shine’ of surfaces can be observed.” (p. 159)

A frase “brilho molhado” foi traduzida literalmente para o inglês, com a intenção de reproduzir, do modo mais próximo possível, o aspecto a que se referia o texto e que era mostrado na ilustração que acompanhava. Esta frase é bastante utilizada no português da Dentística e foi traduzida literalmente para o inglês. Esse termo é freqüentemente encontrado em

outros textos da área, pois sua forma parece já ter sido cristalizada entre os profissionais desta área. Naturalmente, tal afirmação dependeria de estudos aprofundados, a fim de comprovar a afirmação aqui lançada de modo empírico.

3.5.11. Adaptação

O fenômeno dito de “adaptação” foi identificado no exemplo abaixo, substituindo-se a seqüência “população brasileira” por uma outra, mais generalizada, como “*oral health*”. Veja-se o exemplo abaixo:

“Com este livro, em que pese o alto conteúdo tecnicista que ele contém, gostaríamos de poder contribuir em algum grau para a melhora do nível técnico/científico de muitos estudantes e clínicos generalistas, mas, especialmente, através deles poder, um dia, contribuir para a melhora do nível de saúde de uma parcela (se possível considerável) da população brasileira.” (p. VII)

“This book, in spite of being highly technical, represents our humble contribution towards the improvement of the technical/scientific level of students and general clinicians; and through those professionals – we hope to reach people and contribute our share to the betterment of oral health.” (p. Vii)

O exemplo acima mostra a adaptação feita na apresentação do livro Dentística/Procedimentos Preventivos e Restauradores. Como o primeiro livro foi escrito em português, para os profissionais brasileiros, o uso da seqüência “população brasileira” foi bem indicado. Mas escrito em inglês, aquele livro, já não mais almejava alcançar só profissionais brasileiros. Então houve a necessidade de se adaptar a seqüência para “oral health”.

Finalmente, chegamos ao fim deste capítulo de análise de dados, ficando os comentários finais para o próximo, que se inicia a seguir.

CAPÍTULO 4

COMENTÁRIOS FINAIS

Traduzir, utilizando-se ou não das estratégias estudadas, significará em muitos casos realizar a transferência de código, isto é, sob certa ótica, transpor o sentido do texto de um idioma para outro.

No caso desta pesquisa, estudaram-se especificamente alguns elementos presentes no processo de transposição da língua de especialidade da Dentística - manifestada em uma obra específica - do português para o inglês. Tal atividade tradutória foi permeada pela relação do texto escrito com a modalidade visual, atentando-se para o fato de que a obra em questão caracteriza-se pela grande presença de ilustrações constantes nas suas duas versões, principalmente fotos do aparelho bucal com eventuais exemplos de procedimentos específicos da Dentística.

Esta pesquisa contribuiu, segundo Alves (2001), para “a compreensão de como um ser humano se utilizou da linguagem”, evidenciando, neste caso, alguns aspectos do desempenho dos tradutores. Foram também evidenciadas algumas particularidades lingüísticas relativas ao domínio tratado e seu processo de transposição do português para o inglês, em não sendo os tradutores profissionais do ramo da tradução, mas especialistas da área considerada lingüisticamente, na presente pesquisa.

Através deste estudo, foi possível constatar que a atividade tradutória de uma língua de especialidade exige, em muitos casos, conhecimentos aprofundados da área trabalhada. Além dos conhecimentos de natureza técnica, faz-se necessário o domínio de

elementos de ordem lingüística tanto do código-fonte, quanto do código-alvo. A língua de especialidade não difere somente pela presença de um léxico que a caracteriza. Há tendências gramaticais, sintáticas, semânticas, conceituais e — destaque-se na obra estudada — tendências gráficas e presença marcante do “texto” imagético que, apesar de não ser necessariamente submetido a processo de transferência de código, por seu caráter relativamente “universal”, exige a consideração das relações entre as duas modalidades em ambas as línguas: texto/imagem.

Na tradução técnico-científica da Odontologia – precisamente na especialidade Dentística - torna-se necessário ou o conhecimento pleno das línguas de especialidade e dos sistemas funcionais das línguas gerais às quais estão ligadas, ou poder dispor de material já traduzido. Neste caso, material adequadamente traduzido, sobretudo na área da saúde, campo no qual os equívocos de tradução (em razão da complexidade da anatomia humana e dos processos cirúrgicos e de manipulação envolvidos) podem gerar conseqüências graves ao ser humano.

No que diz respeito à parcela imagética, sabemos que muitos profissionais da área em vias de capacitação, além de necessitarem do texto explanatório e explicativo, não podem abrir mão dos suportes ofertados pelas imagens complementares ao texto. Essa concatenação, transformada em necessidade, constitui o fenômeno aqui chamado de “multimodalidade textual”, há muito presente nas obras da área da saúde.

A compreensão do texto técnico aqui examinado dependeu, também, em proporções variáveis, da imagem. O sentido do texto esteve, em muitos momentos, calcado nas imagens que o acompanharam e ofereceram suporte à parcela escrita e à construção do sentido.

Essa “dependência” poderia, num primeiro instante, ser vista como uma característica marcante da área. Todavia, sabemos que se trata de uma tendência quase que generalizada em vários domínios. Em Dentística, além das informações presentes no texto escrito, faz-se

necessário acompanhar, de modo prático, os procedimentos cirúrgicos marcados por uma série de minúcias de difícil descrição - e conseqüente compreensão – caso se disponha unicamente do sentido construído a partir do texto escrito.

O texto imagético, como sabemos, permite “leituras” precisas de minúcias fisiológicas da arcada dentária e da cavidade bucal, que funcionam como complementos ao processamento do texto escrito, possibilitando, por um lado, uma série de “economias” em suas descrições. Por outro lado, os complementos visuais enriquecem de modo considerável a precisão técnica relativa às manipulações a serem dominadas pelo profissional.

Por sua natureza intersemiótica, nos textos do livro *Dentística/Procedimentos Preventivos e Restauradores*, e de sua tradução, foram analisadas as frases que remeteram o leitor à parcela imagética, empregando-se a Teoria de Halliday et al na perspectiva textual. A frase que citou diretamente uma figura, e esta figura supriu o tema lingüístico de forma visual; ou a frase que explicou um fato e só citou (geralmente, entre-parênteses) uma figura, que ilustrava o que já havia sido explicado no texto anteriormente, ou seja, apenas reforçou a informação já dada no texto, só que de forma visual. Então, a figura funcionou como “Tema” no primeiro caso, ou “Rema” no segundo.

As imagens fotográficas foram analisadas, tanto na obra original quanto na traduzida, principalmente, sob o prisma da textualidade temporal da Teoria Semiótica de Halliday et al e da Conjunção Lingüística de Halliday e Hassan (GOODMAN apud HALLIDAY;HASSAN, 1997), em que ações, transações e eventos poderiam originar ligações ou seqüências de imagens ou orações. O exemplo que mais ocorreu, em nossa pesquisa, é o da conjunção temporal. Exemplos da conjunção comparativa e da espacial também ocorreram, mas em menores proporções.

Quanto à textualidade espacial (LSF), as fotos, na obra original e traduzida, foram estruturadas em “close-up”, com os caminhos para leitura focalizando o que estava em destaque no texto, e com as normas de apresentação em “layout”, melhor aproveitadas na obra traduzida.

Já, quanto à Teoria Semiótica de Kress e Leeuwen (1996), foi a obra traduzida que apresentou fotografias com maior grau de modalidade semiótica, o que conferiu uma representação mais próxima da realidade daquilo que pretendia-se reproduzir; porque todas as fotografias eram coloridas.

Os elementos lexicais mais empregados para chamar a atenção do leitor para a parcela imagética do texto, em português e na sua tradução, foram: mostra(m), apresenta(m), oferece(m), se pode(m) observar, verifica(m)-se, ilustra(m), está ilustrado, confirma(m), descrito(a). Estas palavras em português tiveram traduções equivalentes em inglês.

Enfim, entre os fatores que contribuíram para a realização desta análise intersemiótica de tradução de textos da Dentística foram: o estudo da relação entre as parcelas textual e imagética, a descoberta de elementos lexicais e enunciados empregados para orientar o leitor para as parcelas imagéticas do texto, e a avaliação das imagens no aspecto da modalidade, e textualidade espacial e temporal.

Mas na análise lingüística da tradução foram identificadas as seguintes estratégias utilizadas pelos tradutores, de acordo com a “Proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução” de Barbosa (1990), baseada nos procedimentos descritos por Vinay e Darbelnet (1997): equivalência e/ou transposição, tradução literal, reconstrução de períodos, tradução palavra-por-palavra, modulação, omissão vs explicitação, melhorias, transferência, explicação, decalque e adaptação.

Embora por meio da análise lingüística tenham sido identificadas algumas das estratégias ou técnicas de tradução, não se pode afirmar que

tal emprego tenha acontecido de modo consciente por parte dos tradutores. Mais do que classificar as estruturas lingüísticas do texto fonte e alvo, pretendeu-se mostrar que algumas estratégias tradutórias podem ser evidentes e previsíveis.

Conforme o que o tradutor Sylvio Monteiro Júnior, da obra aqui analisada, mencionou, em uma tradução, tanto conhecer bem a língua fonte e alvo, como conhecer a linguagem técnica ou língua de especialidade utilizada são questões importantes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. **Teoria da Relevância & Tradução**: conceituações e aplicações. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.
- ANDRÉ, É.; RIST, T. **A Plan-Based approach for the generation of multimodal documents**. In: Actes du colloque Images et Langages. Multimodalité et Modélisation Cognitive. Avril, Paris: CNRS, 1993. p.253-260.
- AUBERT, F. H. **As (In)Fidelidades da Tradução**: servidões e autonomias do tradutor. 2.ed. SP: Editora da Unicamp/Campinas, 1994.
- AZENHA, João J. **Tradução Técnica e Condicionantes Culturais**. Humanitas Livraria-FFLCH/USP.1999
- BAKER, M. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London/NY: Routledge, 1998.
- BARATIERI LUIZ N./COLS. **Dentística-Procedimentos Preventivos e Restauradores**. SP: Quintessence Editora Ltda, 1989.
- BARATIERI, Luiz N. Et al. Translated by Sylvio Monteiro Júnior and Fernando J. Volkmer. **Advanced Operative Dentistry**. SP: Quintessence Editora Ltda,.1993.
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos Técnicos da Tradução**: uma nova proposta. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- BELL, Roger T. **Translation and Translating**. New York: Longman, 1991.
- CALLOW, J. **Image Matters**:Visual Texts in the Classroom. Marrickville. NSW: Primary English Teaching Association, 1994.
- CAMPOS, Sieni Maria de M. **Parecer sobre a Tradução de Baratieri e Cols**. Florianópolis, 2005.
- CARONTINI, E.; PERAYA, 1979. **O projeto semiótico**: elementos de Semiótica Geral. São Paulo: Cultrix, 1979.
- CHESTERMAN, A. **Memes of translation**: the spread of ideas in translation theory. 22. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997. p.87-113.

- CHOMSKY, N. **Studies on semantics in generative grammar**. The Hague: Mouton, 1972.
- COSTA, Walter C. **Ilha do Desterro**. n.28. Florianópolis: Editora UFSC, 1992. p.133-153.
- COURTÉS, J. **Introdução a Semiótica Narrativa e discursiva**. Coimbra: Almedina, 1979.
- DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. Tradução S. Bath. **Os tradutores na história**. São Paulo: Ática, 1998.
- DESMET, Isabel M. **Les enjeux linguistiques de l'enseignement du portugais spécialisé : la valeur heuristique du plan textuel**. 17. Projet Portext CUMFID, 1996. p.76-91.
- DIONÍSIO, Angela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A.; **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis as a method in social scientific research**. In: Methods of critical discourse analysis. R. Wodak & M. Meyer (Eds.). London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage, 2002. p.121-138.
- FAWCETT, P. **Translation and Language**. Manchester/UK: StJerome Publishing, 1997.
- FERNANDES, Ana H.; **Mestrado em Educação**, 1999. Disponível em: <<http://www.acdssv.com.br/>>. Acesso em: 2004.
- GOODMAN, S.; GRADDOL, D. **Redesigning English: new texts, new identities**. London and New York: The Open University/Routledge, 1997.
- HALLIDAY; MATHIESSEN. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Arnold, 2004.
- HATIM, B.; MASON, I. **Discourse and the Translator**. London/NY: Longman, 1993.
- JACQUEMOND, R. **Translation and cultural hegemony: the case of French-Arabic translation**. In: Rethinking Translation-Discourse, Subjectivity, Ideology. Venuti, L. (Ed.). London/ New York: Routledge, 1992. p.139-158.
- JAKOBSON, R. **Aspectos lingüísticos da tradução**. In: Lingüística e Comunicação. Trad. I. Blikstein e J. P. Paes. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1971. p.63-72.

KRESS, G.; LEEUWEN, Theo V. **Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication.** London: Arnold, 2001.

KRESS, G.; LEEUWEN, Theo V. **Reading Images: The grammar of visual design.** London: Routledge, 1996.

LAGE, N. **Linguagem Jornalística.** São Paulo: Ed. Ática, 1999.

LYONS, J. **Linguagem e lingüística.** Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1987.

MACLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como extensão do homem.** São Paulo: Cultrix, 1964.

MATTHIESSEN, C. **The environments of translation.** In Exploring Translating and Multilingual Text Production Beyond Content. Steiner & Yallop (Eds.). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001.

McANDREW, P.; McANDREW, J. Systemic Functional Linguistics: An Introduction. **Journal of the Faculty of Global Communication.** SIEBOLD University of Nagasaki, v.3, n.2, p.115-127. 2002.

MCCLOUD, S. **Desvendando os Quadrinhos.** Tradução Hécio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. SP: Makron Books do Brasil Ed. Ltda, 1995.

MUNDAY, J. **Functional Theories of Translation.** London: Routledge, 2001.

PIERCE, Charles; **Semiologia e Semiótica.** Disponível em: <<http://tecnicaspsicoterapeuticas.vilabol.uol.com.br/>>. Acesso em 2005.

REIS, Patrícia D. Idéias sobre Tradução. **Revista Unorp.** São José do Rio Preto. v.1, n.1, p.40-49, dez.2002.

RODRIGUES, C. **Cadernos de Tradução,** n.10. Florianópolis: Editora UFSC, 2002. p.23-57.

RODRIGUES, R. H. **A relação entre gênero, enunciado e texto: uma leitura bakhtiniana.** SEMINÁRIO Nacional da ABRALIM, 3., Fortaleza: Anais..., 2001.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale.** Paris: Payot, 1955 (original de 1915).

TRAVAGLIA, Neuza G. **Tradução Retextualização: a tradução numa perspectiva textual.** Uberlândia: EDUFU, 2003.

VAILLANT, P. **Sémiotique des langages d'icônes**. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1999.

VASCONCELLOS, Maria L.; PAGANO, A. **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

VIAN JR., O. **Sobre o conceito de gêneros do discurso: diálogos entre Bakhtin e a lingüística sistêmico-funcional**. In: Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas. Beth Brait (Org.). Campinas, 2001, p.147-161.

VILELA, M. **Tradução e Análise Contrastiva: Teoria e Aplicação**. Lisboa: Editorial Caminho, S.A., 1994.